

dor da Congregação do Evangelista, diz delle o seguinte: *Sendo muito nobre, e muito rico chegou o Mestre João a se doutorar nesta Sciencia (de Medicina) e a ser Lente della com tanto nome, que o Infante D. Duarte, Principe, e herdeiro do Reino, lhe deu o titulo de seu Medico ainda em vida de seu Pai ElRei D. João o I.* Este Mestre João sabeis vós, que foi Bispo de Viseo, e pessoa de tamanha autoridade, e altas virtudes, quantas nos declara o Chronista dos Loyos, (a) que entre muitas coisas diz o seguinte: *Em o nosso Portugal foi tambem Medico o S. fr. Gil da Ordem dos Pregadores de nobilissima geração, como filho que era de D. Ruy Peres de Valladares, Alcaide mor de Coimbra, e Mordomo mor de ElRei D. Sancho II. Assim mesmo D. Martinho, Medico de ElRei D. Diniz, depois Bispo da Guarda, M. Pedro, Chanceller mor do mesmo Rei, e outros.* Desorte que os Medicos antigamente, he verdade, recebiaõ muitas honras; mas tambem he certo, que elles eraõ honrados. Os do nosso tempo tambem mereceraõ dos Reis, seus Amos, os fóros da mais alta classe de nobreza, sendo na ordem Medica Fidalgos Cavalleiros da nossa Casa Real José Rodrigues de Abreu, Manoel Dias Ortigaõ, Antonio da Costa Falcaõ, e Christovaõ Vaz Carapinho; e na dos Cirurgioens Antonio Soares Brandaõ, que, alem de Fidalgo Cavalleiro da Casa do Senhor Rei D. José I, foi por este grande Rei feito Cirurgiaõ Mor dos seus exercitos com Parente de Coronel de Infantaria: o que tudo prova, que tanto nos tempos antigos, como presentemente, saõ os Me-

(a) Sant. Mar. o Ceo Aberto na terr. Liv. 3, Cap. 3, pag 562.

Medicos, e os Cirurgioens enobrecidos, e honrados neste Reino, quando tem merecimento e sabedoria; e que não deve causar admiracão, que ElRei D. Manoel premeasse, e enobrecesse ao Mestre Diogo de Alfaro, seu Medico, do qual sabemos, que ficou descendencia; e talvez que procederia delle o Doutor Sebastião de Alfaro, Auditor General do Exercito de Flandres em tempo de D. Joaõ de Austria, o qual vivia pelos annos de 1585, e recebeo em Coimbra a borla Doutoral em Leis, sendo taõ elegante Poeta, que o nosso Barbosa (a) cita huns versos, que elle fez em louvor de Fr. Antonio de S. Romaõ, e tem merecimento, como podeis ver.

31. ALFERES

Est. 27.
Esc. 31.

Lam. Estive indeciso sobre a introducção deste appellido na Nobiliarchia, porque me não lembro de o ter encontrado em pessoas nobres do nosso Reino, e sómente me determinei a estampar o escudo das suas armas, porque o M. Purificação no Livro dos Braçoens faz delle menção pela maneira seguinte: *Alferes, trez bandas de oiro em campo vermelho, e por orla oito aspas de oiro em campo negro: procedem de hum Cavalleiro, chamado D. Gonçalo, que levava o pendaõ do Conde D. Lopo Dias de Haro na conquista de Baeza.* Bem he verdade, que não dá este Autor rasoã alguma mais, porque semelhante appellido, sendo Castelhana, possa pertencer á Nobreza Lusitana.

D. Hug.

(a) Bibl. Lusit. tom. 3, pag. 679.

D. Hug. O appellido *Alferes* he lembrado varias vezes pelos nossos Genealogicos, e o tiveraõ pessoas muito illustres da nossa Monarchia. Gonçalo Argote de Molina (a) tractando do soccorro, que o Rei D. Fernando mandou a Baeza em 1227 com D. Lopo Dias de Haro, diz assim: *Foi por Alferes nesta expedição, levando o pendaõ do Conde D. Lopo Dias hum Cavalleiro, de quem descende D. Pedro de los Arcos Alferes, Morgado em Baeza, como consta por Executoria da Chancellaria Real de Granada, passada pelo Secretario Peña Vallejo no anno de 1576: cujas armas saõ trez bandas de oiro em campo vermelho, e por orla oito aspas de oiro em campo negro.* Diz mais, que ha tambem em Baeza outra Familia do appellido de *Alferes*, mas com diversas armas, a qual procede de Pedro Martins, Alferes Mor de Baeza na batalha de Guadalherze, o qual obrou alli acçoens heroicis, e que destes *Alferes* procedia Rui Martins de Xodar, Commendador das Casas de Cordova da Ordem de Calatrava pelos annos de 1405. Alonso Lopes no seu Nobiliario, (b) tractando dos *Ramires*, Senhores de los Cameros, faz menção de Afonso Ramires de Vargas, filho de Zoylo Ramires, Alcaide das Fortalezas de Canarias, e de sua mulher, D. Antonia Laura de Cabreira e Souza, filha de Pedro Cabreira e Souza, Capitaõ Geral daquellas Ilhas, que casou em Mexico com D. Anna Alferes Navarrete, filha de Christovaõ Alferes Navarrete, e neta de Pedro Alferes Navarrete, *cuyo illustre appellido (diz elle) es bien conocido y*

es-

(a) Nob. de Andaluz. lib. 1, cap. 77, p. 64, v.

(b) Har. Nobil. P. 2, lib. 6, p. 61.

estimado en los Reinos de Castilla en la Ciudad de Baeza, donde son naturales, de cuja nobreza se suele dizir aquel commum refran: Quien no tien noble nombre, Navarrete se pone. O mesmo Haro nomêa por filhos de Alonfo Ramires de Vargas e D. Anna Alferes Navarrete a D. Zoi-lo Ramires, e a D. Alonfo Ramires, que casaraõ em Mexico illustremente. Sendo porêem este appellido Castelhana, naõ posso entender o motivo, porque Purificaçaõ o levou á vossa Nobiliarchia, salvo se lhe constou de alguma alliança desta Familia em Portugal.

Lam. O sangue dos *Navarretes* varias vezes tem entrado nas Casas nobres do nosso Reino, e segundo minha lembrança os *Fonssecas Pimenteis* de Tavira tem este sangue: porque D. Paula de Sales Navarrete casando com D. Ifidoro Parra Rasgado, Cavalleiro da Ordem de Alcantara, teve por filho a Dom Diogo de Parra Rasgado, bisavô de D. Maria Josefa de Alaras Montes d'Oca, mulher de Sebastiaõ da Fonseca Pimentel, e Pais de D. Pedro Alaras Pimentel, Fidalgo da Casa Real Portugueza, e Cavalleiro na Ordem de Christo, morador em Tavira. Se porem estes *Navarretes* eraõ juntamente *Alferes*, o naõ posso eu dizer com certeza, e só que a Familia dos *Fonssecas Pimenteis* do Algarve foi sempre da governança de Tavira em tanta forma, que Fernaõ da Fonseca Pimentel foi Vereador da Camara daquelle Cidade em 1645, Joaõ Pimentel da Fonseca em 1647, e 1650, e D. Pedro Alaras Montes d'Oca em 1688, como se mostra da Memoria, que sobre a Nobreza de Tavira divulgou o Autor da obra intitulado *Aula da Nobreza Lusitana.* (a)

(a) Aul. da Nobrez. tom. 5, pag. 515, e 576.

Lam. Aos do appellido *Alma* dá a Nobiliarchia por ar-
 mas *hum escudo faxado de oiro e azul, de trez faxas ca-* Est. 2,
da hum, e por tymbre duas tochas de azul com fogo de oiro. Eic. 32.
 Coelho diz, que o escudo em *campo azul deve ter trez*
faxas de oiro, e por tymbre duas tochas de oiro accezas,
postas em aspa, atadas com hum troçal azul, o que he
 dito com mais propriedade Heraldica. Diz mais o mesmo
 Coelho, que no Convento de S. Domingos de Lisboa na
 Capella de S. Joaõ Baptista estava huma sepultura do Bis-
 po de Coimbra D. Gil Alma, onde semelhantes armas se
 viaõ. Purificaçaõ porêm tracta este appellido *Alma* por
Dalma, e declara, que o escudo deve ser empequetado
 ou *enxaguetado de oiro, e azul*, como se vê na estampa
 2, escudo 32, e por *tymbre duas tochas de oiro accezas,*
e atadas em hum troçal azul. Diz mais, que supposto este
 appellido he muito antigo, comtudo ninguem no seu
 tempo ufava delle, assim como tambem de outros mui-
 tos, de que tracta na sua Obra dos Brazoens. A mim
 pareceo-me, que naõ devia esquecer-me delle, visto ser o
 de huma Familia, que teve a fortuna de produzir hum fi-
 lho tam benemerito, como D. Gil Alma, que succedeo
 no Bispado do Porto em 1399 ao Bispo D. Joaõ Affon-
 so Esteves da Azambuja, e que se fez memoravel no go-
 verno daquella Igreja pelo contracto, que celebrou com
 ElRei D. Joaõ I, quando cedeo a jurisdicaõ, que tinha
 na Cidade, por certa quantia de dinheiro, que o Rei se
 obrigou a pagar por si, e seus successores, de que se lavrou
 escritura, que nos deo inteira o Illustrissimo Cunha no

Catalogo dos Bispos Portuenses. (*a*) Passou D. Gil Alma do Bispado do Porto para o de Coimbra em 1408, e com a Dignidade de Bispo de Coimbra falleceo, ordenando no seu testamento o enterrassem em S. Domingos de Lisboa, por ter alli Capella, que he a de S. Joaõ Baptista: o que mostra ser a sua Familia antiga e nobre. Na sua sepultura se via hum letreiro, que dizia acharem-se nella os ossos de D. Gil Alma, Bispo de Coimbra, como declara o Mestre Flores na Espanha Sagrada; (*b*) e sente porisso, que *el apellido de este Prelado era el de Alma no mencionado por Acuña.*

33. ALMADA.

Lam. Diz Villasboas, que os *Almadas* tem por armas hum *banda azul em campo de oiro com duas cruzes floridas, e vazias entre duas Aguias vermelhas estendidas armadas de preto, e por tymbre huma das Aguias estendida.* Coelho conforma-se com Villasboas na descripção destas armas, e só acrescenta, que alguns Autores ha, que entendem haver de ter a Aguia do tymbre huma das Cruzes das armas no peito; e ambos affirmam, que os *Almadas* procedem de huns Cavalleiros Inglezes, que vieraõ na armada, com que Guilherme de Longa Espada ajudou ElRei D. Affonso Henriques a conquistar Lisboa: por cujo serviço o dito Rei deo aos mesmos Cavalleiros o Senhorio de Almada, que elles escolheraõ e a que pozeraõ o nome de

Vi-

(*a*) Catal. dos Bisp. do Porto, Part. 2, pag. 150.

(*b*) Esp. Sag. tom. 21, pag. 155.

Vimadel, huma voz Ingleza, que significa *Povoação de muitos juntos*; e que este nome se corrompeo depois no de Almada. Diz mais Coelho, (a) que na Igreja do Castello daquella Villa, onde assignaõ o *Solar dos Almadás*, existiaõ sepulturas antigas, cujos letreiros mal se podiaõ ja ler no seu tempo, nas quais se viaõ as armas, que ficaõ referidas; e que em S. Mamede de Lisboa está sepultado Vasco Lourenço de Almada, o primeiro que se sabe ter este appellido, o qual foi Pai de Joaõ Mendes (*Annes* devia dizer) de Almada, chamado por excellencia o Grande em tempo de ElRei D. Affonso IV, e Veador da Fazenda dos Reis D. Pedro, e D. Fernando, que lhe fez mercê do titulo hereditario de General do mar, e viveo 119 annos, mandando-se enterrar na Capella, que fundou no Claustro de S. Francisco da Cidade, onde se viaõ as suas armas.

D. Hug. Eu bem sei, que os vossos Chronistas Portuguezes, principalmente Duarte Nunes de Leam, (b) dizem, que os Cavalleiros Inglezes, vindos na armada de Guilherme de Longa Espada, se contentaraõ tanto do sitio de Almada, que ElRei D. Affonso Henriques, para os satisfazer, lhes fez mercê delle, e que alli fundaraõ o Lugar, chamado *Vimadel*, corrompido com o tempo em *Almada*; porêm lendo-se a Monarchia Lusitana (c) se vê claramente, que a Villa de Almada estava ja fundada e tinha este mesmo nome, quando Lisboa se tomou: o que

(a) Advert. sobre a Nobr. nas Prov. da Hist. Genealog. tom. 6, pag. 677.

(b) Duart. Nun. Chron. de D. Affonso Henr. pag. 39.

(c) Brand. Monarch. Lusit. tom. 3, liv. 10, cap. 18, fol. 172, v.

Brandaõ prova com testemunho muito antigo, como he o da *Historia dos Godos*, onde se escreve, que no mesmo tempo, que se expugnou Lisboa, se fez a conquista de Cintra, Almada, e Palmella: o que mostra bem estarem ja fundadas naquelle tempo as ditas terras, e terem os mesmos nomes, com que presentemente saõ conhecidas. Eisaqui o que Brandaõ copia da dita *Historia*: *Era 1185* (he o anno de 1147) *capitur Santarena 8 Idus Maii, eodem anno capitur Vlisipo oëtobri mense, feria sexta meridiano tempore post quinque menses obsidionis. Per idem tempus capit Sintria, Almada, Palmella.* Comprova-se mais com o Chronicon, chamado Conimbricense; ou Livro da Noa de S. Cruz de Coimbra, que dá tomada Cintra, Almada, e Palmella no mesmo mez de Outubro, em que se tomou Lisboa. *In Era MCLXXXV* (diz o tal Chronicon da edição de Flores (a)) *pressa fuit Civitas Olixbona per manus Ildefonsi Portugalensis Regis mense oëtobris & Sintriam, & Almadana & Palmelam in eodem mense.* Tendo pois Almada ja este nome, quando se tomou Lisboa, como affirmãõ aquelles monumentos antigos, a que se deve nesta materia dar mais credito, que aos Escritores modernos; como posso eu crer, que os Inglezes, que ajudaraõ o voffo Rei D. Affonso Henriques na conquista da dita Cidade, foraõ recompensados com o sitio de Almada, onde se estabeleceraõ, e fundaraõ a Villa chamada *Vimadel* ou *Povoação de muitos*, que se corrompeo em *Almada*, como diz Duarte Nunes? Muito mais observando-se, que nem no Livro Velho das Linhagens deste Reino, nem no Nobili-

(a) Flor. Esp. Sagr. tom. 23, pag. 330.

biliario do Conde D. Pedro se diz coisa alguma da Família dos *Almadas*, ao mesmo tempo que o segundo não omittio o nome, e os descendentes daquelles Estrangeiros, que ajudaraõ o vosso Rei na conquista de Lisboa, como foraõ D. Ligel, D. Guilherme, e D. Roberto Lacorni, e o de varios outros Fidalgos, que na mesma conquista se acharaõ, a saber D. Payo Delgado, de que procederaõ os Albergarias, e D. Rolim, de quem viveraõ os Mouras: parecendo-me a mim com bons fundamentos, que declarando o Conde D. Pedro, que a Villa de Atouguia fora dada a D. Guilherme Lacorni e seu irmaõ, e a Villa de Azambuja a Childe Rolim pelos serviços, que fizeraõ na dita conquista de Lisboa; e descrevendo elle nos Titulos 69, e 70 as descendencias destes Cavalleiros, tambem faria mençaõ da pessoa, ou pessoas, a quem se desse o territorio de Almada na referida occasiaõ pelo mesmo identico motivo; e que tractaria por isso da geraçaõ dos *Almadas*, se elles estivessem em iguais circunstancias aos sobreditos. Acresce ainda mais para a minha duvida o saber, que ElRei D. Sancho I, filho de D. Affonso Henriques, deo a Villa de Almada ao Mestre e Ordem de S. Tiago, dos quais depois a houve ElRei D. Diniz, como lemos na Monarchia Lusitana: (a) o que o dito Monarca não faria, se a dita Villa tivesse sido dada por seu Pai á Família dos *Almadas*, ou fosse de Senhor Donatario, e não da Coroa. Finalmante, Sr. Lami, para eu duvidar, do que affirmavaõ Duarte Nunes, Francisco Coelho, e os outros vossos Escritores, basta lembrar-me dos muitos descuidos, que

(a) Monarch. Lusit. tom. 5, pag. 423.

que estes mesmos Escritotes commetteraõ nesta materia, principalmente Coelho, Rei de Armas, que até chama Joaõ Mendes de Almada ao Veador da Fazenda dos Reis D. Pedro, e D. Fernando, sendo o seu patronimico *Annes*, e naõ *Mendes*, como he constante dos Nobiliarios, e da Historia, que todos o nomeaõ Joaõ Annes, e naõ Joaõ Mendes. Nem o nome de *Vimadel*, que se affirma deraõ os Inglezes a *Almada*, foi acreditado pelos bons Escriitores da vossa naçaõ, porque o P. Sousa, Chronista de S. Domingos, que eu avalio por hum delles, seguiu differente origem etimologica ao nome de *Almada*, (a) deduzindo-o de *Al, ys, made*, vozes Inglezas, que significaõ: *Tudo esta feito, e acabado*: como elle diz o testificaraõ muitos Antiquarios de Inglaterra: e sendo isto assim, ja o *Vimadel* de Duarte Nunes padece difficuldades. A mim occorre-me, se por ventura o nome *Almada* será Arabigo, porque observei, que muitos nomes proprios, principiados em *Al*, como *Almocaden*, *Almotacé*, *Alcaide*, *Almoxarife* &c. tiveraõ origem Arabiga: em cujo caso poderia acontecer, ou que *Almada* deduzisse o seu nome de *Almaden*, voz Arabiga, que significa *Minas de metais*, como fente Nebrixa, dando-se pelos Mouros o nome de *Almada* áquelle sitio montuoso, por nelle se encontrarem minas de mineraes, ou metais, ou que se deduzisse de *Almadena*, que vale em Arabigo o mesmo que *Maça de ferro*, com que se partem as pedras, batendo com ella sobre cunhas, por ser este instrumento muito preciso para a construcçaõ do Castello de Almada sobre rocha viva; muito mais constando-nos

pela

(a) Sous. Hist. de S. Dom. tom. 3, pag. 401.

pela Historia ser o dito Castello fortissimo, quando o conquistou o vosso Rei D. Affonso, como declara o Chronicon Lusitano da edicãõ de Flores (a) nas seguintes palavras: *Et per diversa tempora & annos accepit Sintriam & Almadanam & Palmelam Castella munitissima.* O que muito mais creio, quando vejo, que os primeiros *Almadas*, de que a Historia se lembra, se assignavaõ *Almadanas*, como fez Ayres Almadana, ou de Almada, hum dos ascendentes dos *Almadas Mellos* da Casa dos Olivais em Lisboa, como se mostra do Instrumento ou Regias Capitulaçoens, que se achaõ nas Provas da Historia Genealogica, (b) escrito no anno de 1494; e tambem porque o Chronicon Conimbricense baptizou *Almada* com o nome de *Almadana*, o qual sendo escrito antes que todos os Nobiliarios, e Chronicas, que conhecemos, merece nesta parte muito grande credito e attençãõ.

Lam. Seja qualquer que for a origem do nome *Almada*, o certo he, que a Familia deste appellido por tradicçãõ constante veio de Inglaterra; e consta dos nossos Escriitores, que figurou muito no Reino, logo que nelle appareceo: o que faz crivel naõ só, que ella era muito illustre, mas que os filhos della foraõ reputados muito fieis, e muito intelligentes em materias de Estado pelos nossos Monarcas; visto que os empregaraõ logo em varias Embaixadas. Joaõ Annes de Almada, chamado o Grande, foi Embaixador a Aragaõ. Seu neto, Joaõ Vaz de Almada, foi Embaixador a Inglaterra. Seu bisneto, D. Alvaro Vaz de

(a) Flor. Esp. Sag. tom. 14, pag. 414.

(b) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 94.

de Almada, sendo precisado a sahir de Portugal por causa das pendencias, que teve com os Malafayas, passou a Inglaterra, onde dizem fora creado Cavalleiro da Jarreteira; e transferindo-se a França fez alli tais proezas, que em premio dellas se lhe deo o Condado de Abranches, de que a sua linha tomou no futuro o appellido. Nos Reinados dos Reis D. Fernando, e D. Joaõ I obraraõ os *Almadas* tantas e taõ gloriosas façanhas, que os ditos Reis os distinguiraõ muito por ellas. D. Fernando, logo que subio ao throno, e nomeou Officiais para a sua Casa, deo a Joaõ Annes de Almada o cargo de Veador da sua Fazenda. ElRei D. Joaõ I tambem quando principiou a governar, e quando, antes de ser acclamado, mandou por Fronteiro da Provincia de Alemtejo a D. Nuno Alvares Pereira, lhe deo por companheiro a Antaõ Vasques de Almada. Este mesmo Antaõ Vasques foi hum dos Capitães, que se embarcaraõ na armada do Porto para o soccorro de Lisboa, cercada pelos Castelhanos. Quando o mesmo D. Joaõ I, sendo ainda Mestre de Aviz, foi declarado Regente do Reino, contribuireaõ muito para a sua nomeação o dito Antaõ Vasques, e Joaõ Vasques de Almada: e era o primeiro destes Almadas Alcaide Mór de Lisboa, quando de Regente passou o mesmo Mestre de Aviz a Rei nas Cortes de Coimbra. Na batalha de Aljubarrota procedeo o dito Antaõ Vasques com tanto valor e fidelidade, que delle contaõ as nossas Historias, que, tomando a bandeira inimiga, a foi appresentar bailando a ElRei com estas engraçadas palavras: *Tomai, Senhor, esta bandeira do maior inimigo, que tinbais no mundo.* Finalmente o predicamento dos Almadas naquelles antigos tempos se

se mostra de ser Antaõ Valques eleito Alcaide Mór de Lisboa com as mesmas solemnidades, honras, e rendas, que se tinhaõ conferido ao Conde D. Joaõ Affonso Telles, irmão da Rainha D. Leonor Telles, por seu cunhado El-Rei D. Fernando. Todas estas distincões, attestadas na Monarchia Lusitana, (a) e o bizarro comportamento dos Almadas no exercicio das suas dignidades moveraõ ao Autor das Coplas sobre a nossa Nobreza, a que delles escrevesse:

Dos Almanfores temidos,
Das batalhas vencedores,
Em summa Embaixadores,
Na paz melhores vestidos,
Nas Espanhas os melhores.

E bastará, Sr. D. Hugo, que examineis a nossa Historia, para conhecerdes, que em todas as emprezas gloriosas da Monarchia Portugueza figuraraõ muito os varoens das trez Casas principais de Almadas, que ha no Reino, a saber os *Almadas do Pombalinho*, Mestres Salas da Casa Real, os *Almadas da Casa da India*, Senhores de Carvalhais, e Verdemilho, e os *Almadas Mellos*, chamados *dos Olivais*, cuja Casa possue actualmente Joaõ de Almada e Mello, Tenente General com o Governo das Armas da Cidade do Porto, e Governador das Justiças da Relaçãõ da mesma Cidade. E agora quero me digais a vossa opiniaõ sobre a origem de todas estas trez Casas?

D. Hug. Posto que por falta de noticias antigas se naõ

X

pos-

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 47, 536, 563, 647, 766, 783.

possa completamente averiguar a origem desses trez ramos principais de *Almadas*; elles mesmos nos pouparaõ o trabalho, que podiamos ter em ajuntálos no tronco: por que se confundiraõ de modo no decurso dos tempos, que todos elles tem sangue do Grande Joaõ Annes de Almada, que ha pouco nomeastes. Que as duas Casas de *Almadas de Pombalinho*, e da *Casa da India* se enlaçaraõ huma com a outra, se patentea do Diccionario Castelhano de Moreri, e da Historia Genealogica do Cl. P. Souza. Pelo que pertence porẽm aos *Almadas Mellos*, chamados *dos Olivais*, pouco trabalho basta, para o mostrar; e se naõ vede:

1. *Joaõ Annes de Almada*, chamado *o Grande*, Veador da Fazenda dos Reis, D. Pedro, e D. Fernando de Portugal, casou com Urraca Moniz, e teve filho

2. *Vasco Lourenço de Almada*, Fundador do Morgado dos *Almadas*, que casou com D. Maria Viegas, e teve filho

3. *Joaõ Vaz de Almada*, Embaixador de ElRei D. Joaõ I de Portugal ao Rei de Inglaterra, que casou com D. Maria Annes, e teve filho

4. *D. Alvaro Vaz de Almada*, Conde de Abranches em França, que casou com D. Isabel da Cunha, e teve filho

5. *D. Joaõ de Abranches*, que casou segunda vez com D. Mecia da Cunha, e teve filho

6. *D. Alvaro de Abranches e Almada*, Mestre Sala da Casa Real pelo seu casamento com D. Joanna Pereira, filha de Jorge de Mello, e teve filho

7. *D. Pedro de Abranches*, Mestre Sala, que casou com D. Brites de Mendoga, e teve filha

8. *D. Joanna de Mendouça*, que casou com Francisco de Mendouça, Alcaide Mor de Mouraõ, e Capitaõ de Mazagaõ, e teve filho

9. *Pedro de Mendouça Furtado*, Alcaide Mor de Mouraõ, e Guarda Mor de ElRei D. Joaõ IV, que casou segunda vez com D. Caetana de Menezes, e teve filho

10. *Francisco de Mendouça Furtado*, Alcaide Mor de Mouraõ, Governador de Mazagaõ, que em D. Maria de Mello, filha de D. Paulo de Moura, teve filha

11. *D. Maior Luiza de Mendouça*, que casou com *Joaõ de Almada e Mello*, Senhor do Morgado dos Olivais, Alcaide Mor de Palmella, Comissario Geral de Cavallaria, e teve filho

12. *Antonio José de Almada*, Senhor do Morgado dos Olivais, Brigadeiro dos Exercitos de S. Magestade, que casou com D. Maria Josefa da Cunha, e teve filho

13. *Joaõ de Almada e Mello*, Senhor do Morgado dos Olivais, Alcaide Mor de Palmella, do Conselho de S. Magestade, Tenente General dos seus Exercitos, Comendador de S. Joaõ de Beja, e Governador da Relaçãõ do Porto, casado com D. Anna Joaquina de Lancaestre: cujo filho, *Antonio José de Almada*, he segundo Visconde de Villa nova de Souto de ElRei, e casado com D. Francisca de Lancaestre, sua prima, filha de D. Antonio de Lancaestre, Governador que foi do Reino de Angola, da qual tem successãõ.

Raul. Em alguns papeis hebdomadarios de França, que nestes nosos tempos informaraõ o publico das qualidades pessoais e ultimas acçoens do Marquez de Pombal, Ministro e Secretario, que foi, de Estado deste Reino, e até em

varias memorias , que correm publicamente na mesma França , se vê nomeado , como parente do dito Marquez , a hum Mr. Almada , que me persuado fer esse , que acabais de nomear , e he Governador do Porto : e porque pelos ditos papeis se não póde formar hum juizo seguro , e imparcial sobre a sua nobreza e caracter , quizera , que della me informasseis para melhor os poder avaliar.

Lam. postoque a Casa desse Mr. Almada não devia ser nomeada nas nossas conversações , como as outras das Provincias do Reino , por ser ella presentemente Titular , e termos assentado não fazer menção das que o forem : comtudo as obrigações , que esta Provincia do Minho deve a Joaõ de Almada e Mello , actual Senhor da Casa dos *Almadas dos Olivais* , e Governador da Relação do Porto ; a suavidade e prudencia , com que este Fidalgo se tem comportado nos seus governos militar , e civil ; o zelo , com que tem engrandecido a Cidade do Porto , Capital da mesma Provincia , e a segunda do Reino ; o ardor , com que tem promovido o Commercio , as Artes , e as Sciencias , pedem , que do seu caracter e Familia façamos huma abbreviada memoria. Aquelles filhos , que , como Joaõ de Almada , procuraõ o bem , e a honra da patria , são dignos de serem transmittidos pela Historia á posteridade ; para que os vindoiros os imitem , os venerem , os louvem. * Pelo que até me animei a mandar abrir em bronze o seu retrato , que vos farei ver , para mostrar , que se o nosso Reino tem cidadãos , que se distinguem em pro-

* Depoisque se escreveu este Dialogo , falleceo Joaõ de Almada e Mello no Porto em Outubro de 1786.

mover o bem, e a honra da nação, tem também Escri-
tores, que dezejaõ perpetuar as suas acçoens, e illustres no-
mes, remettendo-os com a sua effigie ás mais remotas ida-
des. Muito principalmente vendo eu, que vos lembrais de
papeis, e memorias de França, as quais sobre a Nobreza
do nosso Reino costumaõ ser ou infieis, ou pouco exactas,
como colligireis do moderno *Traetado das Devizas Heral-
dicas* de Mr. de Combles, impresso no anno de 1783, no
qual se escreve, que da Familia de Assumar (entende os
Condes deste Titulo) *sont issus les Rois de Portugal*, (a)
o que se escreveo com pouco conhecimento da nossa His-
toria no dito Traetado. Quizera porẽm ouvir o voto do
Senhor D. Hugo sobre o tronco dos *Almadas*, chama-
dos *dos Olivais*.

D. Hug. Os melhores Nobiliarios, que tenho visto,
assignaõ por tronco desses Almadas a *Gomes Martins de
Almada*, que elles dizem ser hum cidadão muito honra-
do de Lisboa em tempo de ElRei D. Fernando; e será
justo, que averiguemos pela Historia, quem elle era.

Lam. Ja aqui se ponderou, que nem o Livro Velho
das Linhagens de Portugal, nem o Nobiliario do Conde
D. Pedro, que foi escrito em tempo de ElRei D. Diniz,
bisavõ de ElRei D. Fernando, fazem menção alguma da
Familia dos Almadas, sendo ella alias taõ famosa no rei-
nado do mesmo D. Fernando, e de seus antecessores, que
raro he o negocio militar, ou politico daquelle tempo,
em que naõ figurassem Almadas. Naõ posso atinar com a
verdadeira causa de tal descuido, principalmete vendo,
que

(a) *Traité des Devif.* pag. 21.

que os nossos Chronistas daõ a dita Familia estabelecida no Reino desde a conquista de Lisboa por ElRei D. Affonso Henriques no anno de 1148. O que naõ tem duvida he, que em tempo de ElRei D. Fernando, e ainda antes no de seu Pai, ElRei D. Pedro, e até no de D. Affonso IV, seu avô, florescia em Lisboa *João Annes de Almada*, chamado o *Grande*, reputado tronco dos *Almadas Abranches*, o qual foi Veador da Fazenda do dito Rei D. Fernando pelos annos de 1370, e quem persuadio ao mesmo Monarca, que cercasse de muros aquella Cidade, Capital da Monarchia, como escreve Duarte Nunes de Leão. (a) Pelo tempo desta grande obra, conforme dizem os melhores Nobiliarios do Reino, he, que vivia *Gomes Martins de Almada*, conhecido tronco dos *Almadas Mellos*, chamados *dos Olivais*; e querendo eu averiguar pela Historia o caracter deste Cavalleiro, que os mesmos Nobiliarios graduaõ de *Cidadaõ honrado* de Lisboa, acho, que o mesmo Rei D. Fernando elegera para Superintendente da obra dos muros a *Gomes Martins*, Corregedor daquela Cidade, e que a primeira pedra delles fora lançada no anno de 1373, como vereis na *Monarchia Lusitana*, (b) cujo Autor, Fr. Manoel dos Santos, pinta bem o caracter do dito *Gomes Martins* pela Provisão, que nos deo copiada do archivo da Camara de Lisboa, e diz assim: *D. Fernando &c. A vós, Gomes Martins, nosso vassallo, e Veador da nossa Fazenda, e a outros quaisquer que isto houverem de ver, saude. Sabede, que os Vereadores, Procu-*

ra-

(a) Chron. de D. Fern. pag. 205.

(b) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 192.

radores, e Homens Bons do Concelho da Cidade de Coimbra &c. Dada em Crouche em 7 de Fevereiro da Era de 1414, que he o anno de Christo 1376. Mostra-se desta Provisão, que aquelle mesmo *Gomes Martins*, que em 1373 era Corregedor de Lisboa, e foi nomeado Superintendente da obra dos muros, persuadida a ElRei D. Fernando por *Joaõ Annes de Almada*, conhecido tronco dos *Almadas Abranches*, era no anno de 1376 Veador da Fazenda do mesmo Rei, como attestaõ o Chronista Mor Fr. Manoel dos Santos, (a) e D. Luiz de Lima na sua *Geographia da Europa*: (b) e suppostoque nem a Provisão do archivo de Lisboa citada, nem o dito Chronista Mor dessem ao tal *Gomes Martins* o appellido de *Almada*, eu naõ tenho difficuldade em julgar, que o *Gomes Martins*, nomeado por ambos, seja o progenitor ou tronco dos *Almadas Mellos* pelas seguintes rasoens. 1ª. Porque sendo *Joaõ Annes de Almada*, Veador da Fazenda, o que persuadio a factura da muralha, he bem natural, que para a inspecção e direcção da obra propuzesse hum Ministro, seu parente, que vivia, e figurava naquelle tempo. 2ª. Porque o ramo dos *Almadas Mellos* em todas as idades conhecidas pela Historia da Monarchia se distinguio muito pelas Letras, e pela Toga, como logo direi; e naõ deve causar admiracão, que o progenitor delles fosse Corregedor da Corte, que dirigio a obra dos muros, e foi depois Veador da Fazenda. 3ª. Porque observo, que esta linha de *Almadas* usou por muito tempo o patronimico *Gomes*, dando

(a) Mon. Lusit. tom. 8.

(b) Geograph. da Europ. tom. 1, pag. 277.

do a entender, que alludia ao seu progenitor, *Gomes Martins*, que pelos empregos, pelo zelo, e pela sua grande capacidade figurou muito na Corte de ElRei D. Fernando, e foi nella Corregedor, que até o tempo de ElRei D. Joaõ I era do Crime e Cível juntamente, e por isso lugar de alta consideração, (a) alem de Veador da Fazenda, cargo em todos os tempos elevadissimo, e Superintendente da obra dos muros, inspecção de confiança e de autoridade. 4º. Finalmente porque vivendo em tempo de ElRei D. Fernando *Gomes Martins de Almada*, tronco dos *Almadas Mellos*, como escrevem os Nobiliarios do Reino, e achando nós pela Historia, que nesse mesmo tempo figurava muito hum *Gomes Martins*, Ministro da Fazenda do mesmo Rei, e pessoa da confiança e intimidade de *Joaõ Annes de Almada*, devemos persuadirnos ser o mesmo sujeito, em quanto por escritura ou documento autentico, e digno da nossa approvação se não mostrar o contrario.

D. Hug. Os mesmos Nobiliarios dizem, que *Gomes Martins de Almada* tivera por filho a *Gil Gomes de Almada*, e que este casara com *Isabel Carreira*, de cujo appellido dezejo, que me informeis.

Lam. Em Portugal houve duas Familias nobres antigamente, que nelle figuraraõ bastante, e foraõ a dos *Carregueiros*, e a dos *Carreiros*. Os *Carregueiros* tiveraõ a preeminencia de Ricos Homens, como vereis na Monarchia Lusitana, (b) e os *Carreiros* tinhaõ hum brazaõ de armas muito digno de ser notado para o caso presente: o qual
fe-

(a) Chron. de D. Joaõ I de Duarte Nunes fol. 29.

(b) Mon. Lusit. tom. 8, pag. 616.

se compunha de hum escudo vermelho, no baixo do qual se via hum monte com a sua cor natural, e sobre elle hum castello de prata. Quem ponderar, que o castello de *Almada* está situado sobre hum lugar muito eminente; que a Familia dos *Carreiros* se alliou logo nos seus principios com o ramo dos *Almadas de Gomes Martins*, conhecido hoje por *Almadas Mellos*, alguma coisa misteriosa achará no dito braço dos *Carreiros*, principalmente sabendo, que havia differentes armas para os *Carreiros* das outras linhas. Nem o appellido *Carreiro*, tão pouco conhecido, e usado agora, era nos tempos antigos pouco notavel; pois nos consta, que em tempo dos Romanos existia huma Familia, cujo appellido se equivocava com elle. O M. Flores (a) faz menção de duas medalhas cunhadas em Saragoça de Aragoã, em ambas as quais se nomêa hum *Caio Carr.* que era *Duumvir* em tempo de Augusto; e interpretando o appellido ajuiza, que se deve entender *Carrío*, por haver em Espanha esta Familia. Na Historia Ecclesiastica se dá a conhecer muito a Veneravel Catharina Carreira, que pelas suas penitencias, e virtuosa vida mereceo, que o Cabido de Mantua lhe mandasse erigir hum mausoleo com a inscripção, que se lê no *Agiologio Lusitano*, (b) por ser esta matrona da Familia Portugueza dos *Carreiros*: e na Historia da India he lembrado *Joaõ Rodrigues Carreiro*, que no anno de 1595 foi nomeado capitão das naos para aquelle Estado, (c) e o P.

(a) Flor. tom. 1, de Medalh. pag. 241.

(b) Agiolog. Lusitan. tom. 3, pag. 441.

(c) Far. Af. Port. tom. 3, pag. 79.

Pedro Carreiro, hum dos conductores de Anria Sambo; ou *D. Jeronimo*, sobrinho do Rei da Ilha de S. Lourenço, em tempo do Vice Rei *D. Jeronimo de Azevedo*. Não he agora porêm occasião de tractar mais desta Familia, e fomento de advertir, que de *Gil Gomes de Almada*, e sua mulher, *Isabel Carreira*, foraõ filhos *Affonso Gomes de Almada*, que continuou a linha dos *Almadas dos Olivais*, e *Bartholomeo Gomes de Almada*, Lente de Leis na Universidade de Lisboa no tempo, em que ella allí esteve, e Desembargador da Casa da Supplicação, cuja filha *D. Catharina Carreira*, casando com *Fernando Rodrigues de Almada*, chamado o Bardaças, foraõ os progenitores dos *Almadas da Casa da India*, como podereis ver até no Dictionario Castelhano de Moreri.

D. Hug. Ha muito tempo, que estou persuadido, como ja disse, que todas as linhas de *Almadas* deste Reino trazem a mesma origem, e se alliaaraõ delde tempos antigos humas com as outras. Postoque o nosso Salazar de Castro na Casa de Lara (a) produzio huma arvore dos *Almadas*, descendentes do grande *João Annes de Almada*, sempre eu julguei, que elle não referio todos, e que só fez menção daquelles, que lhe importavaõ para o seu assumpto; a razão he, porque o vosso Barros nas Decadas da India fez menção de *Vasco de Almada*, Capitaõ mor da Villa de Almada, cujo filho, *Fernaõ Martins de Almada*, embarcou para o Oriente no anno de 1503 com o grande *Affonso de Albuquerque* por Capitaõ da sua nao; e como este *Fernaõ Martins de Almada* era diverso do

Fer-

(a) Hist. da Caf. de Lara, tom. I, pag. 534.

Fernão Rodrigues de Almada, o Bardaças, que no anno antecedente tinha embarcado por Capitão de huma das naos da esquadra do Capitão mor, Vicente Sodré, tio do Almirante, D. Vasco da Gama, bem se deixa ver por estes, e muitos outros varoens da dita Familia, que havia *Almadas* illustres nos tempos dos Reis D. Affonso V, D. João II, e D. Manoel, de que o dito Salazar não fez menção, os quais naturalmente provinham do mesmo tronco. Continuai porém o vosso discurso sobre o ramo dos *Almadas dos Olivais*.

Iam. Referi, que *Affonso Gomes de Almada*, filho de *Gil Gomes*, continuara a linha desses *Almadas*, e agora direi, que casando elle com *Margarida Gomes Vieira*, da nobre Familia deste appellido, deo em *Aires Gomes de Almada* hum Ministro a este Reino, que pelos talentos politicos, e civis honrou muito a Nação, e a sua Familia. Para formarmos hum prudente juizo do seu merecimento, basta considerarmos, que foi este Aires de Almada escolhido pelo grande Mestre da arte de reinar, o nosso Rei D. João II, para seu Embaixador aos Reis Catholicos, D. Fernando, e D. Isabel, em hum negocio tão melindroso, e intrincado, como era o dos limites das Conquistas de ambas as Monarchias, no qual elle se portou com o acerto e satisfação, que relataõ as nossas Historias, principalmente Garcia de Resende, (a) que diz o seguinte: „ Sobre „ a concordia e concerto da dita conquista mandou El- „ Rei por seus Embaixadores e Procuradores aos ditos „ Reis Ruy de Souza, e D. João de Souza, seu filho, „

Y 2

„ e

(a) Chron. de D. João II. cap. 166, fol. 109, vers.

,, e o Licenciado Ayres de Almada, Corregedor da Cor- ,,
 ,, te, e Estevão Vaz por Secretario, pessoas no Reino de ,,
 ,, muito bom saber, grande confiança, e muita autori- ,,
 ,, dade, e com elles mui honrada companhia, e foraõ com ,,
 ,, grande honra recebidos de toda a gente da Corte em ,,
 ,, Medina del Campo, onde os Reis estavaõ. Deraõ suas ,,
 ,, embaixadas, e em nome de ElRei se concertaraõ com ,,
 ,, os ditos Reis sobre demarcação, e repartiçaõ dos ditos ,,
 ,, mares, por certos rumos, e linha de pólo a pólo, por ,,
 ,, que as ditas Ilhas, e terras descubertas ficaraõ com ,,
 ,, os ditos Reis de Castella, com outra muita parte do ,,
 ,, mar, e da terra, sem prejuizo da costa, e Ilhas da ,,
 ,, conquista de todo Guiné: de que se fizeraõ contra- ,,
 ,, ctos assignados pelos ditos Reis com grande seguri- ,,
 ,, dade: de que todos mostraraõ receber descanso, e ,,
 ,, contentamento, por se escusarem antre elles differen- ,,
 ,, ças, e discordias, que se já começavaõ a revolver, con- ,,
 ,, trarias á sua paz, e amizade. E com este assento con- ,,
 ,, certado tornaraõ os ditos Embaixadores no mez de ,,
 ,, Julho do dito anno (de 1494, ou 1493, como ou- ,,
 ,, tros dizem) a Setuval, onde ElRei estava, que com ,,
 ,, sua vinda foi alegre, e os recebeu com muita hon- ,,
 ,, ra, e agafalhado, porque todos eraõ mui aceitos a ,,
 ,, elle., Com mais diffusa noticia do Tractado falla desta
 Embaixada o P. Soufa na *Historia Genealogica* da nossa Ca-
 sa Real, (a) referindo as uteis consequencias delle, e mos-
 trando, que *Aires de Almada* fora nomeado Embaixador
 juntamente com Rui de Soufa, Senhor de Sagres, e Be-
 rin-

(a) Souf. Hist. Genealog. tom. 3, pag. 117.

ringel, e seu filho, D. Joaõ de Sousa, Almotacé Mor do Reino, progenitores dos Marquezes das Minas. E porque no dito Tractado se achão algumas clausulas, que merecem attençaõ, naõ obstante que Garibay, e outros Castelhanos fallem sobre elle diversamente, lembrarei parte da Provisãõ, que o compila, e do Pleno Poder de ElRei D. Joaõ II, em cuja observancia foi celebrado. (a) *D. Fernando y D. Isabel por la gracia de Dios Rey y Reyna de Castilla, de Leon &c. Por quanto por D. Henrique Henriques, nuestro Mayordomo mayor, y D. Gutterre de Cardenas, Commendador mayor de Leon, nuestro Contador mayor, y el Doçtor Rodrigo Maldonado, todos de nuestro Consejo, fue tratado, assentado, y capitulado por nos y en nuestro nombre y por virtud de nuestro poder con el Serenissimo D. Juan por la gracia de Dios Rey de Portugal y de los Algarbes de alende y de aquende de lamar en Africa Señor de Guine, nuestro mui caro y mui amado hermano, y con Ruy de Sosa Señor de Usagres y Beringel, y Don Juan de Sosa su fiijo Almotace mayor del dicho Serenissimo Rey nuestro hermano, y Arias de Almadana, Corregidor de los fechos civiles de su Corte y del su Desembargo, todos del Consejo del Serenissimo Rey nuestro hermano, en su nombre y por virtud de su poder sus Embaxadores, que a nós venieron &c. Até aqui as clausulas da Provisãõ dos Reis Catholicos: segue-se huma parte do Pleno Poder. D. Joaõ pela graça de Deos Rei de Portugal &c. A quantos esta Carta de poder e Procuraçaõ virem fazemos saber, que por quanto por mandado dos mui altos e mui excellentes, e mui*

(a) Id. Prov. tom. 2, pag. 94.

poderosos Principes, El Rei D. Fernando e Rainha D. Isabel, Rei e Rainha de Castella, de Leão, de Aragoã, de Sicilia, de Granada &c. nossos mui amados e prezados irmaons, foraõ descubertas, e achadas novamente algumas Ilhas e terras, sobre as quais humas e outras, achadas e por achar, pelo direito e rasoã, que nellas temos, poderã sobrevir entre nós todos, e nossos Reinos e Senhorios, subditos e naturais delles, differenças e debates, que nosso Senhor não permitta, nos apraz pelo grande amor e amizade, que ha entre nós todos, e para se buscar, procurar, e conservar maior paz e concordia mais firme e socego, que o mar, em que as ditas Ilhas estaõ, e onde forem achadas, se parta, e demarque entre nós todos em alguma boa, certa e limitada maneira. E como não podemos em pessoa fazer esta obra, confiando de vós, Ruy de Sousa, Senhor de Sagres e Beringel, e D. Joaõ de Sousa, nosso Almotacé Mor, e Aires de Almadana, Corregedor dos feitos Civeis em a nossa Corte, e do nosso Desembargo, todos do nosso Conselho, por esta presente Carta vos damos todo o nosso poder, autoridade e especial mandado, e vos fazemos, e constituimos a todos juntos, e a dois de vós, e a hum só *in solidum* nossos Embaixadores &c. Destas expressoens do grande Rei D. Joaõ II se colhe evidentemente o conceito, que lhe merecia a fidelidade, letras, e zelo de Aires de Almada, e quanto delle confiava. Mas eu reparo ainda mais, que nisto: 1. que tanto no Tractado, como no Pleno Poder se lhe dê o appellido de Almadana, e não o de Almada: 2. que elle assignando o Tractado não declarou o appellido, que tinha, e assignou simplesmente: *Licentiatus Arias*: 3. que foi Aires de Almada nomeado

por

por ElRei, seu Amo, como hum Ministro de letras em contraposição do celebre Doutor Castelhana, Rodrigo Maldonado, hum dos Commissarios dos Reis Catholicos, de cuja dexteridade, e intelligencia no manejo dos negocios politicos de Estado tenho bastantes informaçoes.

D. Hug. O appellido *Almadana*, dado no Tractado, e no Pleno Poder a *Aires de Almada* em tempos taõ vizinhos ao apparecimento de *Almadas* em Portugal, dá vigor ás objecçoes, com que difficultei a deducção do appellido ideada por Duarte Nunes, e mais Escriitores vossos; muito mais lendo-se em Moreri, que o primeiro da Familia se chamou *Almadaõ*, a que o *Almadana* melhor se afsemelha. Quanto porêm a assignar *Aires de Almada* no Tractado: *Licentiatus Arias*: sem mais appellido, sabei, que esse era o costume daquelle bom tempo, em que os titulos conseguidos pelas letras naõ eraõ menos estimaveis e gloriosos, que os derivados dos avós illustres; e porisso vereis, que os Conselheiros de Castella daquelle idade, postoque descendentes de Casas nobres, e grandes, firmavaõ sempre: *Joannes Licentiatus: Didacus Doctör: Alvarus Licenciatus*: como se mostra da sentença, que nos deo D. Luiz de Salazar nas Provas da Casa da Lara. (a) Finalmente o reparo, que fazeis, de ser *Aires de Almada* nomeado pelo vosso Rei Embaixador Letrado em contraposição ao Doutor Maldonado, bem conhecido em Espanha pelo nome de Doutor Talaveira, julgo eu de naõ pouca substancia. Rodrigo Maldonado naõ era menos illustre pelo sangue do que pelas letras. Foi filho de Diogo Mal-

(a) Salaz. Caz. de Lar. tom. 4, Prov. pag. 472.

donado, Senhor de Villa Nueva, e Alcaide Mór de Taveria; e não só era do Conselho dos nossos Reis, mas foi Senhor de muitas Villas. Seu filho, Aires Maldonado, Commendador de Estriana na Ordem de Santiago, casou com D. Joanna Pimentel, irmã do primeiro Marquez de Tavera, D. Bernardino Pimentel, e sobrinha de D. Rodrigo Affonso Pimentel, III Conde de Benavente, Grande de Espanha da primeira classe: e bem se deixa ver, que a nobreza do Pai e do filho era tal, que a Casa de Benavente estimava a sua uniaõ, o que mostrou em assistir o referido Conde á escritura do casamento. O certo he, que de Rodrigo Maldonado, concorrente no Tractado de limites com *Aires de Almada*, procederaõ neste Reino as Casas dos Marquezes de Cascais Condes de Monsanto, e dos Condes do Vimieiro, e de Vnhaõ, e em Castella, e Reinos da sua dependencia os Marquezes de Almenara, Aravaca, Almarza e Sofraga, os Condes de la Oliva, os Viscondes de Arauzo &c. sendo muito de notar o epitaphio, que se gravou no tumulo da Capella, que elle fundou na Sé de Salamanca, que diz: (a)

Aqui iace el muy Magnifico y Claro Varon Dotor

D. Rodrigo Maldonado y D. Marina su muger;

el qual fuè del Consejo de los muy Catholicos Re-

yes D. Fernando y D. Isabel y serviò a sus Al-

tezas y a Dios nuestro Señor. Fuè Señor de las

Villas de Bavila Fuente y Avedillo y de otros

lugares, que dexò en Majorazgo y fuè Regidor

de

(a) Prov. da Hist. Gen. da Casa R. Port. tom. 6, pag. 323.

*de esta Ciudad y Conservador de Estudios de ella.
Y fundò y dotò esta Capilla para su enterramiento
y de su muger y descendientes. Falleciò a 16 de
Agosto año del Señor 1517 años.*

Acha-se tambem alli outra inscripção Latina, em que está declarada a Faculdade, que Rodrigo Maldonado professava, e as Embaixadas ou negociaçoens, em que fora empregado; pois diz assim: *Rodericus Arias Maldonadus e Talavera, qui ob insignem utriusque Juris prudentiam obque placidum fideleque ingenium a Regum Catholicorum Secretis Consiliarius creatus, atque ab eisdem Galliam, Lusitaniamque de componenda pace Legatus missus, sacellum hoc & sibi & posteris dicavit.* De que se mostra, que, sendo Rodrigo Maldonado tam illustre, e taõ sabio em materias de Estado, e nomeando ElRei D. Joaõ II a Aires de Almada por seu Embaixador Letrado, para concorrer, negociar, e tractar com elle, foi, porque entendeo, que o igualava tanto nas letras como na Fidalguia.

Lam. Postoque eu pela incuria dos nossos antepassados naõ possa citar a favor de Aires de Almada huma inscripção taõ honrosa, como a que acabais de referir, e foi posta no tumulo de Rodrigo Maldonado; sempre mostrarei com o testemunho de hum Escriitor sincero do seu tempo o muito, que ElRei D. Joaõ II o estimou, e as honras particulares e publicas, que lhe fez nas Cortes do anno de 1490, em que Aires de Almada foi por taõ grande Rei escolhido para seu publico Panegyrista. He elle Garcia de Resende, que se explica assim: „ (a) ElRei
Z
„ de-

(a) Resend. Chron. de ElRei D. Joaõ II, cap. 108, fol. 64, vers.

„ depois de todos os Procuradores estarem assentados , „
 „ veio com grande estado , diante de muitas trombetas , „
 „ charamelas , e sacabuxas , porteiros de maça , Reis de „
 „ armas , Arautos , e Passavantes , o Porteiro Mór e „
 „ Mestres Salas , Veador e Veadores da Fazenda , Ca- „
 „ mareiro Mór , e Guarda Mór , e Mordomo Mór , e „
 „ assi o Regedor , Chanceller Mór , e todos os Officiais „
 „ e Defembargadores , e ElRei vestido em opa roçagan- „
 „ te de brocado com rico forro , e o sceptro na mão , e „
 „ com elle o Principe ricamente vestido , e o Duque , e „
 „ todos os outros Senhores entrou na sala , e se assen- „
 „ tou na sua cadeira Real , e o Principe junto com elle , „
 „ e o Duque , e todos os outros Senhores e Officiais em „
 „ seus assentos ordenados , e como a casa foi ordenada „
 „ e todos calados , o Licenciado *Ayres Dalmada* Cor- „
 „ regedor da Corte , mui bem vestido de vestidos ri- „
 „ cos , que ElRei lhe deu , fez em lingoagem huma „
 „ practica de muitos louvores d'ElRei , e das mui- „
 „ tas obrigaçoens , em que lhe seus povos e todos os „
 „ do Reyno eraõ , alegando os grandes perigos e ris- „
 „ co da sua pessoa , que passara nas guerras , e o ven- „
 „ cimento da batalha de Touro , e como pozera o Prin- „
 „ cipe seu filho em terçarias , e o apartara tanto tem- „
 „ po de sua vista , tudo por dar a elles paz e socego , „
 „ e os livrar de guerras , e manter em muita paz , e jus- „
 „ tiça ; e assi dos grandes proveitos , que a todos em ge- „
 „ ral vinhaõ de o casamento se acabar , e das grandes fes- „
 „ tas que porisso queria fazer &c. „ Diz mais Resende ,
 „ que comeffeito a falla , ou oraçaõ de *Aires de Almada*
 „ movera tanto os povos juntos naquellas Cortes para hum

donativo a ElRei, que sem mais alguma outra instancia lhe concederaõ logo cem mil cruzados, foma avultadissima para aquelle tempo. Parece-me, que hum tal testemunho he prova bem decisiva do grande credito, que *Aires de Almada* tinha na Corte de ElRei D. Joaõ II, e do muito que o mesmo Rei o estimava, tanto pelos seus talentos, como pela nobreza da sua Familia, a qual tinha sido, e foi sempre condecorada com os maiores Foros da nossa Cala Real: de cujos livros consta, (a) que *Sancho Gomes de Almada* fora Moço Fidalgo de ElRei D. Affonso V em 1474 com a mesma moradia, que nella tiveraõ D. Vasco, filho do Marechal, Jorge de Mello, filho do Copeiro Mór, e varios outros notaveis Fidalgos daquella idade: e no tempo do nosso Rei D. Manoel vemos nos mesmos livros a *Luiz de Almada*, filho primogenito do dito *Aires de Almada*, e Instituidor do Morgado dos Olivais, com o Foro de Fidalgo Cavalleiro; e seu irmaõ, *Joaõ de Almada*, tambem filho de *Aires de Almada*, com o de Moço Fidalgo. (b) De sorte que se o vosso Doutor Maldonado, alem de grande Ministro, era Fidalgo de nascimento, e foi progenitor de Marquezes, Condes e Viscondes em Castella; o nosso *Aires de Almada*, seu digno concorrente no Tractado dos limites, alem de Fidalgo esclarecido e de grande Letrado, deo tambem sangue em Portugal ás Casas do Marquez de Pombal, dos Condes de Oeyras, Redinha, e Sampayo, e dos Viscondes de Villa nova de Souto de ElRei, as quais todas procedem, e descenderaõ d'elle.

Z 2

Cl.

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 45.

(b) Id. loc. cit. pag. 363, e 368.

Cl. Basta, meus Senhores, de nobreza dirivada. Os doctes pessoais são para mim de maior valor; e porisso estimarei, que se me declarem os serviços, porque *Joaõ de Almada* tem merecido o agrado dos povos, e a confiança dos Reis.

Lam. Eu não referirei outros, que os declarados pelo Senhor Rei D. José I de gloriosa memoria no Alvará de 22 de Abril de 1769, por virtude do qual se expedio pela Mesa da Conciencia e Ordens a Carta de Comenda de S. Joaõ de Beja com data de 2 de Outubro de 1772, a qual se acha registrada a folhas 350 do livro da Chancelaria da Ordem de Christo, e a folhas 236 da Secretaria do Méstrado. Nenhuns serviços foram nunca comparaveis com aquelles, que confessaõ os Principes, quando os premeaõ. Diz pois o Sr. Rei D. José I naquelle Alvará, que Joaõ de Almada, sendo Capitão de Infantaria, partira no anno de 1735 para o acantonamento do exercito em Alemtejo, e ficára de guarnição na Cidade de Portalegre: que no anno de 1736 fora mandado de guarnição para a Praça de Monção na Provincia do Minho: que no anno de 1754 fora commandar hum dos Regimentos de Infantaria da Praça de Elvas com o posto de Coronel: que no anno de 1755 fora promovido a Coronel do Regimento de Cascais, e encarregado de fazer a Guarda a Sua Magestade na occasião do Terremoto, por se achar espalhada a Guarnição da Corte: que no anno de 1757 passara para Coronel do Regimento do Porto, auxiliando o Presidente da Alçada, Joaõ Pacheco Pereira, Desembargador do Paço, mandado á mesma Cidade, e commandando todo o tempo da mesma Alçada os Regimentos de Infantaria.

ria de Bragança, e de Vianna, o Regimento de Dragoens de Aveiro, e hum Destacamento de Cavallaria ligeira de Chaves, satisfazendo com louvavel approvaçã as ordens Reais: que no anno de 1758 fora promovido a Brigadeiro, e executara muitas diligencias, que lhe foraõ ordenadas por occasiã do Attentado de 3 de Setembro de 1758: que na ultima guerra, principiada em 1762, fora encarregado do Governo do Partido do Porto, e tambem do Governo das Provincias do Minho e Traz os Montes com o posto de Tenente General dos Exercitos na ausencia dos respectivos Generais, e dera providencias, para que naõ faltassem mantimentos, nem muniçoens, provendo as Praças de Miranda, Almeida, e Valença do Minho de muita parte, das que lhes foraõ necessarias, fazendo fardar dez Regimentos de Infantaria, e vinte Companhias de Cavallos, correndo por sua via a maior parte, do que foi preciso ao Exercito volante das trez Provincias, e levantando com muito zelo quatro Terços de Auxiliares, seis Companhias de Cavallaria, e trez de Egoas: Recrutando os dois Regimentos do Porto, mandando mil e tantas Recrutas para o Regimento da Segunda Armada, e trezentos e sincoenta marinheiros para a Armada Real com muitos provimentos: Reedificando os Castellos da Marinha, e ser pago o dito Exercito volante debaixo da sua inspecçã por tempo de hum anno: Sendo nomeado por Sua Magestade Inspector da Mesa do Subsidio Militar do Porto, e dos Cofres das Decimas das trez Provincias: Favorecendo, e animando os Homens de Negocio da Cidade do Porto, que pediraõ a Sua Magestade as duas Fragatas para as Guardas daquella Costa, e sendo nomeado Pre-

fi-

fidente da Marinha della : Sendo Presidente da Camara na inspecção das obras publicas , em que trabalhou tanto , quanto o mostraõ os edificios , que ornaõ , e com que se utiliza a dita Cidade : Animando a Praça do Porto , para que entrasse na Companhia de Pernambuco com o capital de seis centos mil cruzados. Finalmente que , sendo nomeado Governador das Justiças da Relação da mesma Cidade em 1764 , promovera a boa administração da Justiça com os acertos , que constavaõ das repetidas Cartas Regias , com que foi approvado tudo com distinto zelo , e louvado prestimo. Estes saõ os Serviços de Joaõ de Almada , declarados no Alvará Regio ; a que devemos acrescentar , que , em quanto durar a Cidade do Porto , seraõ conhecidos , e admirados pelos seus moradores o zelo , e amor patriotico deste Fidalgo nas Ruas de Almada , S. Joã , e outras muitas , que fez abrir de novo ; nas Praças da Ribeira , de S. Roque , da Victoria , e varias outras ; na formosura e utilidade do Campo da Alameda ; nas magnificas Portas de Almada , da Ribeira , e do Sol , que enobrecco ; nos aqueductos publicos , e nas fontes , que a sua vigilancia , e desvello promoveo com tanta utilidade , como applaudo de todos os ditos moradores.

D. Hug. Eu sempre tive a Familia dos *Almadas* por huma das esclarecidas deste Reino , naõ só pelo que a Historia , e os Nobiliarios nos informaõ , mas por ser ella huma daquellas , cujos Braçoens mandou collocar na Sala das Armas de Cintra o vosso Rei D. Manoel , grande conhecedor do merecimento , e antiguidade das Familias , e porisso só pertendo , que agora me informeis das Casas , que ha de *Almadas* em Portugal.

Lam.

Lam. Ja vos disse, que as principais são a dos ALMADAS da Casa da India, ALMADAS dos Olivais, e ALMADAS de Pombalinho, além de outras, que com mais direito devem ser declaradas em diferentes titulos.

A CASA dos ALMADAS da Casa da India recahio em D. Joaquina de Almada, filha herdeira de Bernardo de Almada Castro e Noronha, Senhor de Ilhavo, Carvalhais, Arcos, e Verdemilho, Provedor da Casa da India, e Veador da Senhora Rainha D. Marianna de Austria, e de sua segunda mulher, D. Ignez Josefa Lobo, filha de D. José Lobo da Silveira, 1.º Marquez de Alvito, e 3.º Conde de Oriola; e neta de Francisco de Almada, Senhor da referida Casa, Veador da mesma Rainha, e Commendador de S. Miguel de Rio de Moinhos, e de sua mulher, D. Guiomar de Vasconcellos, Dama do Paço, filha de D. Affonso de Vasconcellos, Conde da Calheta, e da Condeça D. Pelagia Sinfronia de Rohan: e casou a dita D. Joaquina de Almada, herdeira desta Casa, com seu tio, D. José Lobo da Silveira, filho do primeiro Marquez de Alvito, que porisso he Provedor da Casa da India, Senhor da mesma Casa, e Deputado da Mesa da Conciencia e Ordens &c.

A CASA dos ALMADAS dos Olivais ja tambem disse ser possuida por Joaõ de Almada e Mello, Tenente General dos Exercitos de Sua Magestade Fidelissima, e do seu Conselho, com o Governo das Armas do Partido da Cidade do Porto, Governador das Justiças da Relação da mesma Cidade, Commendador de S. Joaõ de Beja na Ordem de Christo, Senhor do Morgado dos Olivais, e de Souto de ElRei, Alcaide Mór de Palmella &c. filho de Antonio
Jo-

José de Almada e Mello, Brigadeiro dos mesmos Exercícios, e Senhor da Casa dos Olivais, e de sua mulher, D. Maria Josefa da Cunha, filha de Francisco da Cunha Velho, Governador de Monção; neto de outro João de Almada e Mello, Moço Fidalgo da Casa Real com exercício, Senhor do dito Morgado dos Olivais, Alcaide Mor de Palmella, e Cômmissario Geral da Cavallaria da Provincia da Beira, e de sua mulher, D. Mayor Luiza de Mendoça, filha de Francisco de Mendoça Furtado, Alcaide Mór de Mourão, Governador de Mazagaõ &c. E he casado João de Almada, actual possuidor dos Olivais, com D. Anna Joaquina de Lancastre, filha de D. Rodrigo de Lancastre, Camarista do Sr. Infante D. Manoel, tio dos Senhores Reis D. José I, e D. Pedro III, e neta de D. João de Lancastre, Governador que foi de Angola, e Vice Rei do Brasil, da Linha dos Lancastres Cômmandadores de Coruche, e tem por filho primogenito a Antonio José de Almada e Mello, II Visconde de Villa nova de Souto de ElRei em successão a seu tio paterno Francisco de Almada e Mendoça, Commendador na Ordem de Christo, Ministro Plenipotenciario do Sr. Rei D. José I á Santa Sede, e primeiro Visconde de Villa nova de Souto de ElRei; o qual Antonio José de Almada he casado com sua prima, D. Francisca de Lancastre, filha de D. Antonio de Lancastre, Governador de Angola, da qual tem successão.

A CASA dos ALMADAS do Pombalinho recahio em D. Violante-Henriques de Almada, filha de D. Lourenço de Almada, Senhor do Pombalinho, e Lagares de ElRei, Mestre Sala da Casa Real, e de sua mulher, D. Maria da

Pe-

Penha de França e Mendouça, sua prima com irmã, Dama do Paço, filha de Tristaõ de Mendouça, Cômendador de Avanca, e de sua mulher, D. Violante Henriques, filha de D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho &c. e neta a dita D. Violante Henriques de Almada de D. Luiz de Almada, Mestre Sala do Sr. Rei D. Joaõ V, Senhor do Pombalinho, Commendador do Vimioso, e de S. Miguel de Acha na Ordem de Christo, Alcaide Mór de Proença, e de sua primeira mulher, D. Francisca Josefa de Tavora, filha de Tristaõ Antonio da Cunha, Senhor do Morgado de Payo Pires, e de sua mulher, D. Leonor Thomazia de Tavora, filha de Luiz Alvares de Tavora, I Marquez de Tavora; e foi a mesma D. Violante Henriques de Almada casada com seu tio, D. Antaõ de Almada, Mestre Sala da Casa Real, Senhor de Pombalinho e Lagares de ElRei, Governador e Capitaõ General das Ilhas, e deixou por successor a D. Lourenço de Almada.

Alem destas ha outras Casas no Reino, que usãõ do appellido *Almada*, como, por exemplo, a dos Morgados da Azenha em Guimaraens, que será declarada, quando se tractar do appellido *Leite*, e a dos Morgados dos Carreiros em Lisboa, que será referida, quando se tractar do appellido *Machado*.

34. ALMANSA.

Lam. Dá Villasboas aos *Almansas* hum escudo partido em palla, ao primeiro em campo de prata tres barras negras, ao segundo em campo do mesmo sinco arminhos negros, e seis aspas em campo de prata, postas em chefe,

Est. 2,
Etc. 34.

fe; e no restante do escudo em campo vermelho cinco rodas de S. Catharina. Coelho gradúa a explicação de Villasboas de confusa, e até parece o increpa de tractar deste appellido, sendo Castelhana; e querendo melhorar a descripção diz, que o escudo deve partir-se em palla, no primeiro em campo de prata trez barras negras, no segundo tambem em campo de prata cinco arminhos negros em aspa, e huma orla, que tem a parte superior ou cabeça della de prata, com cinco aspas vermelhas, e o mais della de vermelho com cinco rodas de S. Catharina de ouro, e as navalhas de prata; e fundando-se em Haro diz, que aos *Almansas* só pertence huma orla de prata com oito arminhos, e que o mais do escudo pertence aos *Henriques*, de cujo appellido era o Marquez de Alcañizas em Castella, que usava das armas referidas. Purificação se afasta de ambos estes Autores, pois dá aos *Almansas* hum escudo partido em palla, no primeiro trez barras negras em campo de prata, e no segundo a roda de navalhas de S. Catharina, como se vê na estampa, e acrescenta, que trazem tambem as armas de *Val de Rabano* e de *Cifuentes*, se bem que só as primeiras pertenciaõ a D. Luiz de Almanfa, Cavalleiro esforçado, de quem veio o prologo: *Lança por lança a de D. Luiz de Almanfa*: alludindo a ser elle taõ valeroso, que em humas Justas Reais derrubou trez contendores, que com elle justaraõ, e morreraõ dos encontros; de que D. Luiz se mostrou tam sentido, que tomou por armas as barras negras, e as rodas de S. Catherina, por serem as Justas no dia desta Santa. Eu entendo, que Coelho não devia reprovar na Nobiliarchia Portugueza o escudo dos *Almansas*, não só porque

o nosso Conde D. Pedro fallou deste appellido no seu *Nobiliario*, (a) onde tracta de D. Luiz de Almanfa e seus irmaons; mas porque esta Familia descende de D. Aldonça Martins da Silva, filha de Martim Gomes da Silva, Senhor da Casa de Silva em Portugal, como mostra Salazar de Castro, (b) e se alliou neste Reino, casando D. Luiz Henriques de Almanfa, I Conde de Villafior em Castella, e filho de D. Joaõ Henriques de Almanfa, II Marques de Alcañizas, com D. Ignez Quaresma, filha dos Baroens de Alvito: e alem disso consta da nossa Historia terem passado a Portugal alguns *Almansas*, como foi D. Lopo de Almanfa, que no tempo do Vice Rei da India, D. Constantino de Bragança, militou com os Portuguezes a favor do Imperador da Abassia, ou Preste Joaõ, contra os Turcos e Mouros, reinando ElRei D. Sebastiaõ, como escreve Manoel de Faria, (c) e outros Escritores. Dai-me porêm vós, Senhor D. Hugo, alguma maior noticia dos *Almansas*.

D. Hug. Para credito deste appellido basta saber-se; que procedem os *Almansas* da nossa Casa Real de Leão e Castella pela linha de D. Ramiro Flores, ou Frolas, filho de D. Fruela Dias, Conde de Astorga, o qual D. Ramiro foi General do exercito Leonez no cerco e conquista de Almeria no anno de 1147, e delle diz a Chronica de ElRei D. Affonso VII: (d)

Aa 2

Hos

(a) Nobil. do Conde D. Pedr. Tit. 19.

(b) Salaz. Hist. da Casa de Silv. tom. 1, pag. 141.

(c) Far. Asia Port. tom. 2, pag. 335.

(d) Chron. de D. Affons. VII, pag. 402, edição de Flores.

*Hos Radimirus sequitur Comes ordine mirus
Prudens & mitis Legioni cura salutis
Forma præclarus natus de semine Regum.*

Em Gandara (a) podereis ver as successoens, e os lustres dos *Almanfas* até D. Luiz de Almanfa, o qual foi Senhor de Val de Rabano, Alcañizas e Tavera, e casou com D. Joanna de Gusmaõ, filha de D. Pedro Nunes de Gusmaõ, Senhor desta Casa, da de Aviados, Boñar, e outras muitas; e tiveraõ por filho D. Diogo de Almanfa e Val de Rabano, Senhor de Almanfa (Villa do Reino de Murcia nas vizinhanças de Valencia) Alcañizas, Tavera &c. que casou com D. Maria de Zuñiga, filha de D. Diogo Lopes de Zuñiga, dos quais foi filha D. Constança de Almanfa e Val de Rabano, a cujo favor fundou seu Pai hum Morgado no anno de 1405, e casou com D. Joaõ Henriques de Gusmaõ, Senhor de Belver e Cabrerros, e foraõ ambos Pais de D. Francisco de Almanfa, I Marquez de Alcañizas, de cuja descendencia tracta D. Luiz de Haro (b) no seu Nobiliario dos Reis e Titulos de Castella, onde lereis, que procedem os *Almanfas* do nosso Rei D. Affonso, o ultimo de Leaõ; e na obra *Viagem de Espanha* (c) podereis tambem ver, que hum illustre filho desta Familia, D. Bernardino de Almanfa, Arcebispo de S. Domingos, Primaz das Indias de Castella, foi varaõ adornado de sciencia, merecimento, e virtude, cujo corpo se acha

(a) Nobil. Arm. y Triunf. de Galiz. lib. 3, cap. 23, pag. 447.

(b) Har. Nobil. liv. 10, tom. 2, pag. 356.

(c) Viag. de Esp. tom. 5, pag. 252.

acha na Capella mór do Convento do Cavalleiro de Gra-
cia em Madrid com honorifico epitafio.

35. ALMEIDA.

Lam. Com notavel differença descrevem os nossos Es-^{Est. 2,}
critores o escudo dos *Almeidas*; porque Villasboas diz, ^{Esc. 35.}
que trazem em campo vermelho tres besantes de oiro en-
tre huma dobre Cruz com bordadura do mesmo oiro, e
por tymbre huma Aguia de vermelho, abesentada de oi-
ro; o que tambem affirma Fr. Antonio Brandaõ. (a) Coe-
lho, Rei de Armas, censura o numero dos besantes, que
diz haõ de ser seis, como o do escudo dos *Mellos*, com
a differença de serem de prata, e o Autor das Coplas
descreve estas armas assim:

Nas de ouro seis arroellas

Em seus escudos pintados

De sangue muitos Prelados

Sempre vimos dentro nellas,

E outros leigos estados

De Almeidas, que os fez cumes,

Dandolhe ajuda e lumes

De estado e Senhorio

Abrantes, Crato, a quem Dio

Vio desbaratar os Rumes.

Seguindo porêm o M. Purificaçaõ se achaõ no escudo

(a) Monarch. Lusit. tom. 3, fol. 208.

35 da Est. 2 da *Nobiliarchia Portugueza Illustrada* por armas desta Familia *seis arroellas de prata em campo de purpura, as quais estão atravessadas duas vezes de oiro de Cruz dobre, orla do mesmo, e com o tymbre de huma Aguia vermelha arroellada de oiro*; pois que as arroellas de prata são assignadas pelo P. Soufa nas *Memorias dos Grandes* (a) aos Condes de Aflumar, e Avintes, que são desta Familia: e ja este douto Genealogico se inclinou a ter por huma mesma origem a dos *Almeidas*, e a dos *Mellos*.

D. Hug. As arroellas nos escudos tiverão origem de Inglaterra, onde se diz, que o Rei Artur as deo a Janazio, o Forte, hum dos mais valerosos Cavalleiros da Taboa Redonda, significando a arroella na redondeza a mesma Taboa, ou Mesa, em que todos são iguais; e a França adoptou este costume na instituição dos seus Pares, cujo nome significa igual, e tambem o numero de dois, por cujo motivo sempre as arroellas são emparelhadas, o que bem explicou o nosso Argote de Molina, (a) e varios outros Escritores. Entende pois, que as arroellas dos *Castros* de treze, as dos *Castros* de seis, as seis dos *Almeidas*, e as dos *Mellos* tiverão aquella nobre origem, e até as duas Cruzes fovorecem o nome Par. E na verdade a Familia dos *Almeidas* he huma das mais antigas, e celebres deste Reino, sobre cuja origem estimarei ouvir a vossa opiniaõ, Senhor Lami.

Lam. O nosso Chronista Mor, Fr. Bernardo de Brito;

(a)

(a) Souf. Memor. dos Grand. de Portug. pag. 267.

(b) Noblez. de Andaluz. liv 1, cap. 103.

(a) o Rei de Armas, Coelho, (b) e o P. Soufa nas *Memorias dos Grandes* (c) deduzem os *Almeidas* de Payo, ou Pelayo Amado, valido do Conde D. Henrique, e seu companheiro na passagem, e conquistas de Portugal, o qual viuvando de Moninha Gutterres dizem, que fora hum dos Fundadores do Convento de Bouro da Ordem Cisterciense junto ao Rio Cavado nesta Provincia, onde quem se recolhesse, deixando no seculo hum filho, chamado Soeiro Pelay, de quem affirmão fora filho Payo Gutterres, cognominado *Almeidaõ*, por tomar aos Mouros em tempo de ElRei D. Sancho I a Villa e Castello de *Almeida* na Provincia da Beira, de que a Familia tomara o appellido; postoque não falta quem diga, que a Villa o tomou da Familia. Não me atrevo a affiançar tudo, quanto escrevem os ditos Autores, por varios fuudamentos: I, porque vejo fazerem a Payo Gutterres filho de Soeiro Paes, o que repugna á lei dos patronimicos, rarissimas vezes violada nos antigos tempos, em que os filhos de Soeiro feriaõ Soares, e não Gutterres: II, porque Rodrigo Mendes Silva diz, (d) que Payo Gutterres era da Familia de Egas Moniz, e Rodrigo Mendes foi bom Genealogico, e Antiquario: III, porque D. Antonio de Lima, segurissimo em origens de Familias, principiou a dos *Almeidas* em Fernando Alvares de Almeida, Aio dos filhos de ElRei D. Joaõ I, e Veador da sua Fazenda, quando

Mef-

(a) Chron. de Cister. liv. 5, cap. 6.

(b) Advert. sobre a Nobrez.

(c) Souf. Mem. dos Grand. pag. 266.

(d) Silv. Poblac. Gener. de Espan. cap. 154, fol. 146, vers.

Mestre de Aviz ; e Lavanha fez o mesmo , (a) não se lembrando hum , nem outro de entroncar os *Almeidas* em Payo Amado , que tambem pode duvidar-se muito , que fosse Fundador do Convento de Bouro , vista aquella memoria , que cita Brandaõ existente no archivo de Braga , de que se mostra , que ja havia Bouro pelos annos de 883 , e que era entaõ de Monges Bentos : *A Sancta Maria de Bouro Monasterio Cluniacensi in montanis ab anno usque 883 &c.* alem de provarem manifestamente duas Provisões da Torre do Tombo , que antes do Abbade D. Payo tivera Bouro outros Abbades : (b) IV , porque mal podia Payo Guterres ser o primeiro , que tomasse o appellido de *Almeida* , ou o desse , constando ser o tal appellido ja existente , e conhecido antes d'elle , como se collige do *Livro das Inquiriçoens de ElRei D. Affonso 3* , que faz mençaõ da *Casa da Cavallaria* e dos filhos de Joaõ Fernandes de Almeida , que Brandaõ prudentemente julga ser filho daquelle Fernaõ Martins de Almeida , de que tracta o *Nobiliario do Conde D. Pedro* ; (c) chamado tambem Fernaõ *Canelas* , por ser Senhor da Quinta deste nome : V , finalmente porque o P. Guadix (d) diz , que *Almeida* he voz Arabiga , que significa *Mesa* , e isto fortifica a opiniaõ de Rodrigo Mendes , que sobre a fundaçaõ , e nome da Villa de Almeida diz : *Fundaron-la Moros , quando dominavan España imponiendo-la Talmaida , interpretado Meza , por-*

(a) Not. á Pl. 248 do Nobil. do Cond. D. Pedr.

(b) Brand. Mon. Lusit. tom. 3 , pag. 207.

(c) Nobil. Tit. 41 , ediç. de 1646 , pag. 248.

(d) Covarrub. Thes. da Ling. Cast. pag. 37.

por la llanura del sitio &c. o que tambem escreveo o citado Chronista Mor Brito, que cita a Chronica antiga, que diz: *Era 1077 capiuntur in extrema Durii cis & citra multæ populationes per Villam Turpim, Talmeida &c.* (a) e acrescenta, que está escrito o nome de *Almeida* com *T* ao modo Mourisco: e se a Villa de *Almeida* tinha este nome muitos annos antes do nosso Rei D. Sancho, como o tomou, como alguns dizem, de hum *Almeida*, seu conquistador? A egregia Familia dos *Almeidas* conseguiu tantos penachos em Portugal, e he neste Reino taõ celebre desde os principios da Monarchia, que para se tecer o seu elogio naõ ha necessidade de mendigar noticias duvidosas. Ella se distinguio sempre em valor, fidelidade e esplendor até conseguir a grandeza, que presentemente goza nas Casas Titulares de Alorna, Lavradio, Assumar, e Avintes, e naõ tem precisaõ de mais elogio do que este. Rara tem sido a Dignidade no Reino, seja na Igreja, no Estado, nas armas, ou nas letras, em que naõ brilhassem os *Almeidas*. O primeiro Vice Rei da India, D. Francisco de Almeida, e seu filho D. Lourenço, cifraraõ em si e mereceraõ, quantos elogios se podem fazer á heroidade. A Igreja estima a memoria de dois Cardeais, hum nomeado, e outro feito, que foraõ D. Fernando, e D. Thomaz de Almeida, primeiro Patriarca de Lisboa, ambos dignos de perpetua fama. A mesma Familia deo varios Reitores á Universidade de Coimbra, Graõ Prior á Religiaõ Hospitalaria, Bispos a varias Cathedrais, muitos Veadores á Fazenda Real, e filhos benemeritos, que ser-

Bb

vi-

(a) Brit. Mon. Lusit. P. 2, cap. 28, pag. 533.

viraõ com lustre os empregos de Alferes Mor, Almota-
cé Mor, Monteiro Mor, e varios outros, os mais hon-
rados da Monarchia: pelo que com muita rafaõ disse Joaõ
Rodrigues de Sá dos *Almeidas*:

Prelados, e Cavalleiros

Ouve destes esforçados,

Ca, e na India afamados,

De quem foraõ os primeiros

Do Cairo desbaratados.

D. Hug. Dai a noticia das Casas de *Almeidas*, que naõ
saõ Titulares, que as excellencias da Familia saõ constan-
tes das Historias.

Lam. Como ha muitas Casas de *Almeidas*, que usaõ de
outros appellidos, onde as referirei, só aqui me lembra-
rei das seguintes:

A CASA dos ALMEIDAS de Abrantes, que he pos-
suida por Manoel Estevaõ de Almeida Barbarino, Fidal-
go da Casa de S. Magestade, Conselheiro do Conselho
Ultramarino, filho de Joaõ de Almeida e Vasconcellos,
Moço Fidalgo da mesma Real Casa, e Capitaõ Mor da
Villa de Abrantes, e de sua mulher, D. Isabel Luiza de
Figueiredo, filha de Bartholomeo Quifel Barbarino, Fi-
dalgo da Casa Real, Conselheiro do Conselho da Fa-
zenda, e de sua mulher, e sobrinha, D. Teresa Maria
de Figueiredo, filha de Manoel Rebello de Figueiredo,
Desembargador na Relaçãõ do Porto: neto o dito Ma-
noel Estevaõ de Almeida de Vasconcellos Barbarino pela

pare-

parte paterna de Gaspar de Almeida de Andrade, Desembargador do Paço, e do Conselho de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Maria Joanna da Costa Figueiroa, da qual foi segundo marido, filha de Fernão Tudella de Castilho, Cavalleiro no Ordem de Christo, e Desembargador na Relação do Porto. Casou Manoel Estevão de Almeida de Vasconcellos com D. Joanna Placida de Menezes, filha de Miguel Paes do Amaral, Fidalgo da Casa Real, e Senhor da Casa de Mangoalde na Provincia da Beira, e de sua mulher, D. Joaquina de Sá e Menezes, filha de Manoel de Sá Pereira, Fidalgo da Casa Real, e Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca de Coimbra, e de sua mulher, D. Maria Placida de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendonça e Menezes, Senhor da Casa de Argemil, e da Freiria, que nomeamos ao tractar da Freguezia de S. Marinha. (a)

A CASA dos ALMEIDAS de Alentêm, possuida por Christovão de Almeida, filho de Luiz Pinto de Almeida, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade (irmão de D. Christovão de Almeida, Bispo de Pinhel) e de sua mulher, e prima, D. Agostinha de Abreu de Lima, filha de Antonio Barreto Gaviaõ, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e de sua mulher, D. Teresa Maria Xavier de Abreu Pereira Gajo, filha de Antonio de Araujo de Abreu, Senhor dos Morgados de Moure, e Guilhadezes: neto o dito Christovão de Almeida por parte paterna de Gonçalo Pinto de Almeida, Senhor da Casa de Alentêm, e de Li-

Bb(2)

dra-

(a) Estrang. no Lima, tom. 1, pag. 299.

draes em Villa Boa do Bispo, Comarca do Porto, e de sua mulher, D. Francisca de Paiva de Andrade, filha de Luiz de Barros Gaviaõ, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Sargento Mor de Infantaria.

A CASA dos ALMEIDAS CARVALHAES do Porto he possuida por Antonio de Almeida Galafura, filho natural (e legitimado por Carta da Rainha, nossa Senhora, de 17 de Novembro de 1777) de Antonio de Almeida Galafura, Mestre de Campo de Auxiliares, Padroeiro do Convento da Graça da Cidade de Lamego, e da Capella de S. Simeaõ em S. Bento do Porto, Governador do Castello de S. Joaõ da Foz, que era filho de Antonio de Almeida Carvalhaes, Alcaide Mor de Melgaço, e Mestre de Campo de Auxiliares, e Governador do mesmo Castello de S. Joaõ da Foz do Porto, e de sua mulher, D. Serafina Luiza da Silva e Vasconcellos, filha de Francisco da Silva e Vasconcellos, Cavalleiro na Ordem de Christo, natural de Amarante, e de sua mulher, D. Maria de Faria e Andrade, filha de Bartholomeo de Faria e Andrade, Senhor do Morgado de Torrados; o qual Antonio de Almeida Galafura vivia solteiro junto a Lamego no anno de 1782.

A CASA dos ALMEIDAS da Cavallaria, que possuiue Isidro de Almeida de Soufa, filho de Gonçalo de Almeida de Soufa, 8º. Senhor da Villa do Banho, e Casa da Cavallaria junto a S. Pedro do Sul, de que tracta a Corographia Portugueza, (a) Moço Fidalgo com exercicio

(a) Corog. Port. tom. 2., cap. 15, pag. 211.

cio da Casa de S. Magestade , e Senhor dos Morgados dos Valladares , e Ruas da Cidade do Porto , e de sua mulher , D. Anna Joaquina de Lancaestre (de que foi primeiro marido) filha de D. Rodriguo de Lancaestre , Camarista do Senhor Infante D. Manoel , e de sua mulher D. Isabel de Castro , filha de Joaõ Correa de Lacerda , Alcaide Mor de Ourem , Commendador de Abrantes , e Governador do Castello da barra de Setuval ; neto o dito Isidro de Almeida de Souza pela parte paterna de Ayres de Almeida de Souza , 7º. Senhor da Casa da Cavallaria , e Villa do Banho , Alcaide Mor de Alfaiates , Moço Fidalgo da Casa Real , e de sua mulher , D. Margarida Antonia Sarmiento de Sottomaior , filha de D. Gabriel de Queiroz Sottomaior , Senhor de Moz em Galliza. Casou Isidro de Almeida de Souza com sua sobrinha , D. Anna Efigenia de Barros , filha herdeira de Lopo de Barros de Almeida , Fidalgo da Casa de S. Magestade , e Senhor da Real em Braga , e de sua segunda mulher , D. Joaquina Rosa de Lancaestre , filha de Gonçalo de Almeida de Souza , Senhor da Casa da Cavallaria , e de sua mulher , D. Anna Joaquina de Lancaestre , que deixo referidos , e tem successão.

A CASA dos ALMEIDAS MANTEIGAS de Lisboa ;
 possuida por D. Antonio de Almeida , filho de D. Antonio de Almeida Beja e Noronha , e de sua mulher , D. Violante de Mello , irmã do Visconde da Lourinhã , Manoel Bernardo de Mello e Castro , Conselheiro de Guerra , e de Martinho de Mello e Castro , Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha , e Dominios Ultramarinos ;

nos ; neto pela parte paterna de D. Joaõ Theotonio de Almeida , Alcaide Mor de Borba , Commendador de S. Salvador de Elvas , e da Ponte de Soro na Ordem de Christo , e de sua mulher , D. Teresa Antonia de Castro Beja e Noronha , filha de Antonio Luiz de Beja e Noronha , Coronel de Cavallaria , e de sua mulher , D. Isabel de Castro de Menezes , filha de Egas Coelho da Cunha , Senhor da Ilha de Maio.

A CASA dos ALMEIDAS de S. Pedro do Sul , possuida por Christovaõ de Almeida de Azevedo e Vasconcellos , Fidalgo da Casa de Sua Magestade , filho de Diogo Francisco de Almeida de Azevedo e Vasconcellos , Fidalgo da mesma Casa , e Senhor da Quinta do Testamento , e de sua mulher , D. Clara Teresa de Almeida Leitaõ , natural de S. Pedro do Sul , e filha de Nuno Leitaõ de Almeida , e de sua mulher , D. Guiomar Cardoso de Almeida , filha de Philippe Cardoso de Almeida : neto o dito Christovaõ de Almeida pela parte paterna de outro Christovaõ de Almeida e Azevedo , Fidalgo da Casa Real , e de sua mulher , D. Anna Maria Botelho de Queiroz , filha de Francisco Machado de Queiroz de Villa Real. He casado o dito Christovaõ de Almeida de Azevedo com D. Delfina Feliciano Barbara de Menezes , filha de Joaõ Bernardo Pereira Coutinho de Vilhena , Senhor da Casa de Penedono , Fidalgo da Casa de Sua Magestade , e de sua mulher , D. Anna Teresa de Menezes , filha de D. Francisco Furtado de Mendonça e Menezes , Senhor da Casa da Freiria nesta Freguezia de S. Marinha de Arcuzelo.

A CASA dos ALMEIDAS COELHOS de Celorico da Beira, possuida por Diogo Henriques Coelho de Almeida, Capitão Mor de Celorico, filho de Bernardo de Almeida Coelho, e de sua mulher, D. Anna Antonia de Castro, filha de Bento Madeira da Costa, Capitão Mor de Avô, e Senhor da Casa de Pomares, e de sua mulher, D. Teresa Antonia da Silva, natural de Coimbra, filha de Agostinho Juzarte Maldonado, e irmã de Francisco Juzarte Maldonado, Correio Mor de Coimbra, e Fidalgo da Casa de Sua Magestade: neto o dito Diogo Henriques Coelho de Almeida pela parte paterna de Manoel de Almeida Deça, e de sua mulher, D. Isabel de Sottomayor, filha de Francisco de Almeida Sottomayor, da Villa de Trancofo: e casou o mesmo Diogo Henriques Coelho de Almeida com N. filha de Joaõ Alvares de Figueiredo Brandaõ, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Desembargador na Relação do Porto, e de sua primeira mulher, D. Anna Micaella de Almeida, natural de Agueda, filha de Manoel Nunes de Almeida, Cavalleiro na Ordem de Christo, e Capitão de Infantaria.

A CASA dos ALMEIDAS do Lourical, possuida por Francisco Xavier de Almeida Castellobranco, Senhor do Mógado do Lago em Rendufe, filho de Amaro Vasques de Castellobranco Almeida, Cavalleiro na Ordem de Christo, e de sua mulher, D. Catharina Caetana de Mariz Pereira, filha de Manoel Pinto da Silva, Corregedor da Comarca de Coimbra; neto o dito Francisco Xavier de Almeida Castellobranco pela parte paterna de Antonio de Almeida Castellobranco, que servio em Tangere, e de sua

mulher, D. Maria de Amorim Pessoa, natural de Tentugal, filha de Gaspar Pessoa de Amorim: e casou o mesmo Francisco Xavier de Almeida com D. Antonia de Napoles, filha de Antonio Velez de Castello Branco, Mestre de Campo de Auxiliares na Comarca de Esgueira, e de sua mulher, D. Francisca de Napoles, filha de Bernardo de Napoles e Lemos, Fidalgo da Casa Real, neto de Diogo Esteves da Veiga e Napoles, Senhor da Honra de Nandufe.

A CASA dos ALMEIDAS de Viseo, possuida por Antonio de Beja de Almeida, filho de Miguel de Almeida de Abreu, Senhor do Morgado de S. Miguel, e de sua mulher e prima, D. Antonia Felicia de Tovar e Menezes, filha de Nicoláo de Tovar e Menezes, Senhor do Prazo de Aveloso, Fidalgo da Casa Real, e Sargento Mor de Batalha, e de sua segunda mulher, D. Maria Antonia Corte Real, filha de Francisco Figueira de Azevedo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor da Quinta de Gemil; neto o dito Antonio de Beja de Almeida pela parte paterna de Jorge de Almeida de Abreu, Senhor do Morgado de S. Miguel, e de sua mulher, D. Bernarda Ferreira, natural da Faia, filha de Christovão Ferreira Freire, que era filho de outro, que foi Desembargador da Bahia, e Auditor da Armada, que se perdeu na Corunha &c.

36. ALPOEM.

Est. 2,
Etc. 36.

*Lam. Aos Alpoens dá Villasboas por armas hum escudo azul com cinco flores de liz de oiro, postas em aspa, ou hum
ma*

ma Lua de purpura com bordadura de vermelho em campo de prata, e por tymbre huma Adem da sua cor natural com pés vermelhos, e o bico de oiro. Coelho affirma, que a primeira fórma de elcudo usaraõ os *Alpoens* antigos, e por tymbre delle meio braço vestido de azul com huma letra na maõ, que dizia: *Nostra Dama de Poim*: mas que os modernos usaõ da Lua de vermelho, ou Crescente com as pontas para cima. Purificaçaõ diz, que as armas desta Familia saõ *huma Lua de purpura com orla vermelha em campo de prata*, ou, como querem outros, *huma Lua de prata em campo vermelho*, postoque a dita Familia antigamente trazia *sinco flores de liz de oiro*, e por tymbre hum *Cysne ou Adem com os pés de purpura*, e o bico de oiro. Estes dois ultimos Autores com alguma differença persuadem, que achando-se ElRei D. Affonso Henriques, primeiro deste Reino, sobre Santarem (Coelho diz, que sobre Obidos, o que foi mais tarde) chegara a elle Duarte de *Luxemburgo* (de *Laxebon* diz Coelho, o que foi equivocacaõ, por naõ haver tal appellido) Embaixador do Rei de França, acompanhado de Godofre de *Puy*, Fidalgo Francez, que fazem filho bastardo do proprio Rei de França (Roberto lhe chama Coelho) e da Duqueza de Montpelhier, Fundadora do Mosteiro de N. Senhora de *Puy*, o qual Godofre, por ser valeroso, fora convidado pelo dito Monarca D. Affonso Henriques, para ficar neste Reino; ao que elle annuira: e acrescenta Purificaçaõ, que casara com huma filha de Egas Moniz, o Bom, e acompanhara o mesmo Rei na Conquista de Lisboa, sendo o primeiro, que no Campo de Ourique o acclamara. Dizem mais, que fora Godofre de Puy Senhor de Pombal, Montemór, Obidos,

dos, Celorico, Figueira, e Palmella, e que teve hum filho, por nome Duarte, Cavalleiro esforçado no tempo de ElRei D. Sancho, e que tomara por armas as cinco flores de Liz, por ser filho do Rei de França, e a empreza: *Nostra Dama de Poim*: em memoria de sua Mãe a Duquesa de Montpelhier, Fundadora do Mosteiro das Freiras de *Pui*, cujo nome se convertera em *Poem*, e depois em *Alpoem*. Finalmente que o Crescente ou Lua fora tomada por se ter achado o Progenitor dos *Alpoens* em muitas batalhas de Mouros.

D. Hug. Tem algumas difficuldades a Historia, como estes Autores a contaõ. 1º. Como sendo essa Familia derivada do filho do Rei de França, e taõ poderosa em Senhorios logo nos principios da Monarchia Portugueza, se naõ lembraraõ della nem o *Livro velho das Linhagens*, nem o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, nem algum dos seus publicos Commentadores; o que naturalmente naõ succederia, se fosse certo, o que elles discorrem. 2º. Porque vejo, que o referido Nobiliario do Conde D. Pedro, tractando dos casamentos das trez filhas de Egas Moniz, e declarando, que huma casara com o Conde D. Vasco Sanches, da Familia dos Barbozas, e com D. Gonçalo Roiz de Palmeira, da dos Frojazes, outra com D. Gonçalo Mendes de Souza, e a terceira com o Alferes Mor, D. Pedro Paes; naõ diz coisa alguma sobre o casamento de huma dellas com hum filho do Rei de França; o que, a ser verdade, naõ creio eu, que esqueceria. 3º. Porque observo, que a conquista de Santarem, feita no anno de 1147 por ElRei D. Affonso Henriques, como affirma hum dos vossos Chronif-

nistas , (a) foi *sem gente , sem cerco , sem morte , e sem sangue dos Portuguezes* ; o que se colhe da Chronica dos Godos , que diz : *Idem Rex D. Alf. decimo octavo Regni sui nimia audacia & animositate succintus noctu invasit Castellum de Santarem viriliter cum paucis suorum* : (b) o que o mesmo Rei confessou á Rainha , sua mulher , em Coimbra , depois de ter feito a dita conquista : e não havendo cerco de Santarem , como podia apparecer nelle o Embaixador do Rei de França , Duarte de Luxemburgo , com Godofre de Puy , filho do mesmo Rei ? O relatorio da tal conquista constou de hum livro de Alcobaça , donde o copiou o Chronista Brandaõ , (c) e delle se mostra , que partindo ElRei D. Affonso de Coimbra em huma Segunda feira , e caminhando por Alfafar , Cornodelas , Pegas , Alardos , e Pernes , cahira de repente sobre Santarem , e a escalou , e ganhou no Sabbado seguinte á dita Segunda feira , em que partio de Coimbra , prova bem manifesta , de que não houve cerco regular daquella praça , nem demora alguma no sitio , e expugnação della. 4º. Porque também observo , que sendo a conquista de Santarem no anno de 1147 , como attestaõ todas as vossas Historias ; como podia assistir nella hum filho do Rei de França , Roberto , constando das Historias daquelle Reino , que esse Rei Roberto , que foi filho de Hugo Capeto , morreo em Melum em 20 de Julho de 1031 , não menos que 116 annos antes que Santarem fosse tomada ? 5º. Finalmente por-

Cc 2

que

(a) Duart. Nunes na Chron. dos Reis de Portug. fol. 34 , e 35.

(b) Brand. Monarch. Lusit. tom. 3 , in append. pag. 274. vº.

(c) Id. loc. cit. fol. 290 , in app.

que le no cerco de Santarem, que foi no anno de 1147, appareceraõ pela primeira vez em Portugal Duarte de Luxemburgo, e Godofre de Puy; como podia o tal Godofre ser o primeiro, que acclamou ElRei D. Affonso Henriques no Campo de Ourique 19 annos antes do tal Cerco, como diz Purificaçaõ?

Raul. Na França he certo, que tambem houve outro Rei chamado Roberto, que naõ he contado pelos Historiadores exactos no Catalogo dos Reis Francezes; porque usurpou o sceptro a Carlos o Simples, e naõ chegou a governar hum anno inteiro. Porêm a esse muito menos se pode adaptar a filiaçaõ pretendida, porque foi anterior muitos annos ao Roberto, filho de Hugo Capeto, contado unico do nome entre os nossos Reis; pois que morreo em 923, que vem a ser 224 annos antes do Cerco de Santarem. Alem de que, Senhores, que maior contradicçaõ quereis vós a essa historia, que o nomear-se o Embaixador, *Duarte de Luxemburgo*, como conductor a Portugal de Godofre de Pui? A Familia de *Luxemburgo* taõ famosa no mundo, por ser porgenitora de cinco Imperadores, muitos Reis de Bohemia, e muitos Principes esclarecidos em Alemanha; França, e Flandres, postoque teve muitos filhos com os nomes de Conrado, Enrique, Carlos, e varios outros, naõ nos consta, que tivesse a esse *Duarte*, que se nomêa pelos dois Escriitores Portuguezes. Pelo tempo de ElRei D. Affonso Henriques deste Reino se naõ tinha propagado a França o appellido de *Luxemburgo*, e era vivo em Flandres Conrado, que morrendo depois do anno de 1150 sem filhos varoens, passou o Senhorio, que tinha, do Castello de *Luxemburgo* (de que a Familia tomou o appellido) a seu.

seu primo Henrique, o Cego, Conde de Namur, casado com huma filha do mesmo Conrado; dos quais não ficando tambem successão varonil, passou a Casa a Tibaut, Conde de Barleduc, que tinha casado com huma filha do dito Henrique. França teve sim a gloria de se estabelecerem no seu continente varios ramos de tão notavel Familia porêm pelas épocas dos estabelecimentos dos ditos ramos colligireis os *Luxemburgos*, que havia na nossa Monarchia pelos annos de 1147, em que vivia ElRei D. Affonso Henriques, e em que dizeis foi conquistada a Villa de Santarem. Consta das nossas Historias, que o ramo de *Luxemburgo Ligni*, dimanado de Henrique I, só foi conhecido depois do anno 1250. O de *Luxemburgo S. Paulo* depois do de 1350. O de *Luxemburgo Bricenna*, de que procederaõ os de *Fienes*, e *Martigues*, depois do de 1400. O de *Luxemburgo Pinei*, de que procederaõ os de *Chatillon*, e de *Tingri*, depois do de 1500. Ora como viria de França por Embaixador a Portugal no anno de 1147 hum filho da Familia de *Luxemburgo*, se a dita Familia ainda naquelle tempo tempo se não tinha estabelecido em França? E que posso eu dizer sobre a Duqueza de Montpelhier, que daõ por Mãi a Godofre de Pui, e fazem Fundadora do Convento das Freiras de Pui? A Cidade de Montpelhier pelo tempo de ElRei D. Affonso Henriques era, e tinha sido antes da Igreja de Magalona. Deo-se por esta Igreja a certo Cavalleiro com a obrigação de a defender dos Mouros: e suppostoque consta haver delle descendencia, que se aliou com as Casas dos Reis de Jerusalem, e dos Duques de Borgonha; comtudo tambem consta, que o nosso Rei Luiz, o Moço, em 1155, e depois delle Philippe Augusto em.

em 1208 confirmaraõ Montpelhier á dita Igreja , prova de ser aquella Cidade no tempo de D. Affonso Henriques da mesma Igreja , e naõ haver Duqueza de Montpelhier em positura de ser Mãi de Godofre de Puy , nem de ser Senhora de huma Cidade , que desde muitos annos antes de 1155 era de Donatario Ecclesiastico. Até acho muita graça em se fazer o Convento de Freiras de Puy fundaçã da tal Duqueza de Montpelhier , supposta Mãi de Godofre de Puy. Os Autores , que tal escreveraõ , nem sabiaõ a Historia , nem a Geographia de França ; e porisso confundiraõ huma Cidade com hum Convento , e nem de huma , nem de outro aproveitaraõ mais que o nome. Nossa Senhora de *Puy* he a Sé Cathedral da Cidade de *Puy* no Condado de Velay , distante de Montpelhier mais de 30 legoas , sendo o Bispo de Puy Conde do dito Condado , e immediato á Sé Apostolica. O nosso Rei Luiz , o Crasso , deo o Senhorio da Cidade de Puy ao Prelado no anno de 1134 , ainda antes da conquista de Santarem , feita em 1147 ; e vede por esta conta , se a Duqueza de Montpelhier fundou a Igreja , ou Mosteiro de Puy , e o conceito , em que devem ser tidos aquelles Autores , que tais coizas affirmaraõ. Pelo menos a elles quererem valer-se do nome de *Puy* , para delle deduzirem o appellido *Alpoem* , podiaõ recorrer á Familia Franceza de *Puy* , huma das muito antigas da nossa França ; mas talvez que temessem o naõ poder derivála , ou entroncála no reinado de ElRei de Portugal D. Affonso Henriques , em cujo tempo sómente consta dos nossos Fastos , que vivia Raymundo de Puy , segundo Gram Mestre da Ordem de S. Joaõ de Jerusalem , chamada hoje de Malta ; e este Gram Mestre , eleito em 1118 , e mor-

to em 1160, foi dotado de taõ grandes virtudes, e viveo sempre taõ apartado de Portugal na guerra da Terra Santa, que naõ seria facil achar acção sua, que podesse servir para a deducção, ou entroncamento, que projectassem. Muito mais sabendo-se, que as armas da Familia de *Puy* Franceza nada favorecem o Crescente, ou Lizes, que se daõ neste Reino aos *Alpoens*, porque usa a dita Familia de hum Leaõ vermelho armado em campo de oiro nos seus escudos com a letra: (a) *Agere & pati fortia*: termos em que ninguem se persuadiria de semelhante deducção, se a fizessem. Porisso recorreraõ antes ao filho da Fundadora do Convento de Puy, e confundiraõ o tal Convento com a Cidade de Puy ou *Puck* (voz de Aquitania, que significa montanha) por estar a tal Cidade fundada sobre o monte Anis, e serem todas as suas circumferencias fragosas, e alperas da mesma sorte, que todo o Condado de Velay.

D. Hug. Nunca approvarei o capricho, com que muitos Escriitores Espanhoes e Portuguezes se esmeraõ em deduzir a sua Nobreza de troncos, e Reinos Estrangeiros, sem advertirem, que as Familias naõ ficaõ mais honradas, procedendo de hum Macedonio, Persa, Romano, ou Godo, que de hum bom patriota, que pela espada, penna, ou por alguma acção heroica adquirisse illustre nome. Se os *Alpoens* tiveraõ origem de Santarem, como parece se colhe das Historias Portuguezas, entendo eu, que naõ será difficuloso o deduzila das mesmas Historias sem recorrer a ficçoens. Sabemos por ellas, que quando ElRei D.

Affon-

(a) De Combl. Trait. des Devif. Heraldic. pag. 253.

Affonso Henriques conquistou Santarem, era esta Villa huma das mais formidaveis, e fortes praças, que naquelle tempo tinhaõ os Mouros. *Omnes enim, qui audierint, ducent pro re incredibili Santarem Civitatem munitissimam, omni multitudine hominum, omni que genere machinarum inexpugnabilem, a tam paucissimis viris invasam*, diz o Relatorio da Conquista, que ja foi citado. (a) O Rei de Espanha D. Affonso VI, avô do mesmo Rei D. Affonso Henriques, tinha em outro tempo accommettido a dita Praça com todo o seu poder, e fomite por fome a rendeo, como se lê no dito Relatorio com palavras do neto: *Si quidem Avus meus Alfonsus, Hispaniæ Imperator, non potuit eam debellare nisi famis deditioe*. Depois que tornou a poder dos Mouros, lhe acrescentaraõ elles muralhas, e antemuralhas de tal fortaleza, que parecia Santarem inconquistavel. Havia principalmente hum lanço de muro, com barbacans, e torres tam altas para a parte do Poente, que fomite vistas causavaõ terror e espanto. Tinhaõ as ditas torres por nome *Alplan: Erexerat muros & antemurale, & turres a parte occidentali, quæ vocatur Alplan, eo quod ad comparationem præcipitii totius circuitus planum videbatur*. A escala destas torres reservou El-Rei D. Affonso Henriques para si, e para huma Companhia de Cavalleiros Portuguezes, que o guardavaõ e acompanhavaõ: *Aio ergo meis, feramus auxilium sociis, teneamus dexteram, si poterimus ascendere per Alplan*. Eu naõ duvidaria, que a escala destas fortissimas torres fosse capaz de dar nome, e appellido a qualquer dos Cavalleiros de El-Rei,

Rei, que nella se assignalasse, principalmente notando a semelhança, que o *Alplan* tem com *Alpoem*, e reflectindo, que a maior parte dos Genealogicos no Catalogo dos *Alpoens* mettem hum outro appellido, que he o de *Alpraõ*, que tambem teve a sua origem em Santarem, prova talvez de que *Alplan*, *Alpraõ*, e *Alpoem* he tudo o mesmo. O Chronista Serafico, (a) tractando de Fr. Affonso de Alpraõ, Confessor de ElRei D. Joaõ I, Inquisidor e Capellaõ do Papa, diz o seguinte: „ Nasceo na Villa de Santarem „ „ onde começou o appellido de *Alpraõ*, dirivado de hum „ „ bairro, que tem o proprio nome; e deduzido para „ „ muita gente nobre, achamos com elle a Joaõ Pires „ „ de Alpraõ, Chanceller Mór do Reino. „ Parece-me que havendo em Santarem nas Torres de *Alplan* e na Familia de *Alpraõ* fundamentos seguros para dalli deduzirmos a origem da Familia de *Alpoem*, he tempo perdido o querer buscála em outra parte. Até o Crescente, que usaõ de presente os *Alpoens* no escudo das suas armas, prova, que os desta Familia o alcançaraõ em batalha com Mouros; e nenhuma os pode immortalizar mais, que a conquista de Santarem, e a expugnação da Fortaleza de *Alplan*. Pode dizer-se, que os *Alpoens* antigos traziaõ sinco Flores de Liz, e que por essa causa devem julgar-se originarios de França; porêm eu quizera, que as mais Familias deste Reino, que trazem tambem Lizes nos escudos, v. gr. *Cazaes*, *Fayas*, *Guedes*, *Giraldes*, *Mottas*, *Maldonados*, *Proenças*, e muitas outras me podessem mostrar, que as tomaraõ por descendencia Franceza, e naõ por serem os

Dd

Li-

(a) Chron. de S. Fr. tom. 2, pag. 560.

Lirios jeroglifico da perfeição, pureza, e esperança do Bempublico, que foi o fundamento, porque os tomaraõ os Romanos, antes de haver Reis de França, como se mostra das medalhas, que cita Pierio Valeriano. E mande Deos, que as que se tiveraõ por Lizes nos escudos, ou sepulturas dos *Alpoens* antigos, naõ fossem as cinco Estrellas dos *Freitas*, por constar, que *Manfredo de Alpoem*, que mataraõ em Coimbra, e foi sepultado no Convento de S. Francisco, como affirma o citado Chronista, (a) era neto de *Martim de Freitas*, Alcaide do Castello daquella Cidade em tempo de ElRei D. Sancho II, e do Conde de Bolonha, depois Affonso III, seu irmaõ. Cinco Estrellas em pedras gastadas do tempo bem podiaõ tomar-se por cinco Lizes. Diráõ, que havia mais hum braço vestido de azul com a Letra: *Noftra Dama de Poim*: por tymbre daquellas armas; e que isto prova descendencia de França; Ao que respondo, que o tal tymbre só me persuadiria, que foi tomado por devoção a N. Senhora de Puy, porque li em Moreri, que a sua Igreja era antigamente huma Romagem muito frequentada dos soldados Christaons, que se empregavaõ nas guerras contra Mouros, e nas da Terra Santa: e se reparo nos votos, que se fizeraõ até pelo Rei para a tomada de Santarem, persuado-me, que algum Cavalleiro invocou o patrocínio da Senhora, e votou aquella devisa em reconhecimento d'elle. Finalmente quais são as Historias ou Chronicas antigas de Portugal, em que se lêa o appellido de *Puy*, ou *Poem*? No Livro Velho das Linhagens naõ se achaõ nem estes dois appellidos,

(a) Chron. cit. tom. 1, pag. 270.

dos, nem o de *Alpoem*, e nem menos no Nobiliario do Conde D. Pedro, escrito pelo tempo de ElRei D. Diniz, que morreo em 1325. Na Chronica de ElRei D. Joaõ I, que he a mais antiga das do Reino, nomeando-se (a) ao famoso Letrado, Joaõ de Alpoem, Enviado pelo dito Rei ao nosso de Castella com varios requerimentos a bem da paz e socego de ambas as Monarchias, usa Fernaõ Lopes do appellido *Alpoem*, e naõ de *Puy* nem de *Poem*. Na Chronica dos Cruzios, (b) dando-se noticia de Diniz de *Alpoem*, Senhor de Esgueira, e Embaixador a Aragaõ, que jazia enterrado na Capella Mór do Mosteiro de S. Jorge, junto a Coimbra, seguio-se o mesmo caminho. Em huma palavra todas as Historias de Portugal, que eu tenho lido, e de que tirei apontamentos para a minha projectada Bibliotheca, nunca deraõ a esta Familia outro appellido que o de *Alpoem*: Appellido illustrissimo, e assás recõmendavel, pelo terem muitos filhos benemeritos, que serviraõ a sua patria com reputaçãõ, e valor nas guerras de Africa, Asia, America, e Europa. Por exemplo, Joaõ Martins de Alpoem servio em Africa, como lembra Damiaõ de Goes (c) na Chronica de ElRei D. Manoel. O Doutor Pedro de Alpoem, Ouvidor, e Secretario de Estado na India, fez nella, como Jurisconsulto, e Soldado, os importantes serviços, que relataõ os Commentarios de Affonso de Albuquerque, (d) e principalmente o Autor da *Malaca Conquistada*, onde lemos: Dd 2 *Al-*

(a) Chron. de D. Joaõ I, Part. 2, fol. 332.

(b) Chron. dos Cruz. Part. 2, pag. 156.

(c) Chron. de ElRei D. Man. fol. 121, 198, v. 214.

(d) Com. de Af. de Albuq. Part. 3, pag. 69, 74, 115, 173, 276. Part. 4, pag. 160, 173, 194, 230.

Alpoem, que nas margens do Mondego

Desde a primeira idade ás Letras dado,

Tambem nas armas fez illustre emprego,

Ja de illustres avós valor herdado,

Segue Albuquerque pelo falso pego,

Ora Jurisconsulto, ora Soldado.

Lam. Esse Pedro de Alpoem apparece na lista dos Fidalgos da Casa do nosso Rei D. Manoel em 1515, como se mostra do Catalogo delles, citado nas Provas da Historia Genealogica: (a) e para vós saberdes o illustre predicamento, em que se acha actualmente esta Familia, vos nomearei a Casa principal, que ella tem, vizinha desta Ribeira, e he chamada

A CASA dos ALPOENS de Braga, possuida por Francisco Xavier de Alpoem da Silva, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor do Morgado da Pouzada, Padroados de Cambezes e Casa de Merece, filho de Bernardo de Alpoem da Silva, Fidalgo da mesma Real Casa, e Senhor das Pouzadas e Merece, e de sua mulher, D. Maria Caetana de Castro, filha herdeira de Pedro do Rego e Castro, Senhor da Casa de Merece em Calvello no Concelho de Albergaria junto a esta Ribeira, de que tracta a Corographia Portugueza, (b) e de sua mulher e prima, D. Ventura Theodosia de Castro, filha de Diogo de Sousa de Castro: neto o dito Francisco Xavier de Alpoem pela

(a) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 360, 361.

(b) Corogr. Port. tom. 1, pag. 266.

la parte paterna de Joaõ de Alpoem da Silva, ou Abreu, Fidalgo da Casa Real, Mestre de Campo de Auxiliares, e Senhor do dito Morgado da Pouzada e Padroados de Cambezes, e de sua mulher, D. Isabel de Almeida, filha de Lopo de Barros de Almeida, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, e Senhor do Morgado de Real em Braga. He casado Francisco Xavier de Alpoem com D. Jeronima Teresa de Carvalho, filha de Caetano Balthazar de Sousa de Carvalho, Fidalgo da Casa Real, Alcaide Mór de Villa Pouca de Aguiar, e de sua mulher, D. Marianna de Menezes, filha de Thadeo Luiz Antonio Lopes de Carvalho Fonseca e Camoens, Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Senhor dos Coutos de Abbadim e Negrelos, e do Morgado da Camoeira, morador em Guimaraens, e de sua mulher, D. Francisca Rosa de Menezes, filha de D. Francisco Furtado de Mendoga e Menezes, Senhor das Casas de Argemil e da Freiria nesta Freguezia de S. Marinha, de que tractamos, (a) e tem successão.

A CASA dos ALPOENS de Lisboa, e outras, que desta de Braga, e da de Coimbra se deduziraõ, nomearei em outros lugares; e agora basta, para persuadir o zelo patriotico desta Familia, que diga ser ella quem deo ajuda e favor ao Senhor D. Antonio, Prior do Crato, para escapar ás pesquisas dos seus inimigos. (b).

D. Hug. Segue-se na Estampa o appellido

(a) Estrang. no Lim. tom. 1, pag. 229.

(b) Corogr. Port. tom. 1, pag 308.

37. ALTAMIRANO.

ER. 2. *Lam.* Aos *Altamiranos* dá Villasboas por armas *treze*
 Esc. 37. *arroellas azues em campo de oiro*, e diz, que a Gonçalo Fer-
 nandes Altamirano pelos serviços, que fez no cerco de
 Cordova matando hum Mouro, Alcaide de certo Castel-
 lo sobre o Rio Guadalquivir, acrescentou ElRei D. Fer-
 nando, o Santo, as ditas armas com *huma Orla roixa*
com quatro cabeças de Mouros, e por *tymbre hum braço*
armado com huma Cabeça de Mouro pelos cabelos, ordenan-
 lhe tambem, que dallí em diante usasse do appellido de
Cabeças. Coelho faz distincão das armas dos *Altamiranos*,
 que diz são simplesmente as *arroellas*, das dos *Cabeças*,
 que trazem as dos Mouros, que ficaõ ditas, e tem os
Altamiranos, e *Cabeças* por Familias diversas. Purificaçaõ
 concorda com Villasboas, e todos trez escrevem, que os
Altamiranos são originarios de Andaluzia, donde passaraõ
 a este Reino de Portugal: e não ha duvida, que muitas
 das Casas nobres delle tem o sangue dos *Altamiranos*,
 como, por exemplo, a dos *Lobos Gamas* de Evora, Se-
 nhores do Morgado dos Carregueiros, aonde entrou o
 dito sangue pelo casamento de D. Anna Gomes, filha de
 D. Gomes Martins Altamirano, Fidalgo de Castella, a
 qual D. Anna Gomes foi avó de Lourenço Lobo da Ga-
 ma, Fidalgo da Casa de Sua Magestade Portugueza, Mes-
 tre de Campo de Auxiliares na Comarca de Evora, de que
 a seu tempo tractaremos; e agora nos dirá o Sr. D. Hugo
 alguma coisa mais sobre os *Altamiranos* de Castella.

D. Hug. O sangue desta Familia esmalta presentemente
 muitas Casas Titulares de Espanha, e com specialidade

a dos Marquezes de Valle Cerrato, Duques del Parque, e Principes de la Sala, aonde entrou pelo casamento de D. Luiz de Cañas Sylva e Castilha com D. Joanna da Cunha Altamirano e Gusmaõ, sexta Marqueza de Valle Cerrato, de que faz menção Salazar na Casa de Silva; (a) dos quais nasceo D. Francisco Antonio de Cañas, sétimo Marquez de Valle Cerrato, Notario Maior do Reino de Leão, e Gentil Homem da Camara de Sua Magestade Catholica, que casou com D. Isabel Maria de Trelles Valdez e Agliata, Duqueza del Parque, Princeza de la Sala, e Senhora de muitas Baronias no Reino de Sicilia, os quais foraõ Pais de D. Manoel Joaquim de Cañas e Trelles, oitavo Marquez de Valle Cerrato, e Vila- vieja, Duque del Parque, Principe de la Sala, Baraõ de Regiulfo, que casou com a Marqueza de Castrilho, e Condessa de Belmonte, D. Agostinha Porto Carreiro e Maldonado com descendencia. Rodrigo Mendes Silva (b) faz a Familia dos *Altamiranos* tam antiga, que a deduz do Rei Suevo, Ariamiro, filho de Theodomiro; e eu creio, que para esta Familia ter nome immortal, lhe basta o ter sangue della o grande Fernaõ Cortez, primeiro Marquez del Valle de Guaxaca, e Capitaõ General da Nova Elspanha; pois que este grande varaõ, que na sua ultima doenca mereceo ser visitado pelo Imperador Carlos V, era filho de Martim Cortez de Monroy, e de D. Catharina Pizarro Altamirano: *cujos appellidos* (diz

(a) Caz. de Sylva tom. 1, pag. 405.

(b) Catalog. Real, e Genealog. de Esp. pag. 218.

(diz D. Antonio de Solis) (a) *no solo dicen , sino encarecen lo illustre de su sangre.*

D. Hug. Segue-se o appellido

38. ALTA OU ALTE.

Est. 2, *Lam.* Aos do appellido *Alta*, ou *Alte* dá Villasboas por Esc. 38. armas as mesmas dos *Esparragosas*, de que a seu tempo tractaremos; porém Coelho diz, que são diferentes, a saber, *nove flores de Liz vermelhas, postas em trez pallas em campo de prata*, como vedes no Esc. 38. Est. 2. da *Nobiliarchia Portugueza Illustrada*, que são as mesmas, que o M. Purificação dá aos *Esteves*, talvez porque entendeo, que Mestre Estevaõ, Pai de Bernardino Esteves, Desembargador da Casa da Supplicação fora, o que as alcançou: o qual na verdade foi hum varaõ douto, e de grandes letras, como affirma o mesmo Coelho. Pode ser, que em attençaõ aos serviços do Pai, e do filho deste El-Rei D. Joaõ III a este as referidas Lizes com o appellido de *Alta*, derivado da Quinta de *Salsa Dalta*, que elle tinha no Termo da Villa de Serpa, que ficou servindo de solar á Familia. A seu irmaõ, Christovaõ Esteves, filho tambem do dito Mestre Estevaõ, que foi Desembargador do Paço em tempo de ElRei D. Manoel, foraõ dadas diversas armas, que são as de *Esparragosa*, derivando este appellido da Quinta de Val de Pinta de *Esparragosa*, que elle possuia, e ficou por appellido a seus descendentes. Desorte que os *Altes* descendem de hum filho do Mestre Estevaõ, e os

Ej-

(a) Solis, Hist. de Mex. liv. 1, cap. 9, pag. 26.

Esparragosas de outro, como affirma o dito Coelho.

D. Hug. No *Livro Velho das Linhagens* (a) e no *Nobiliario do Conde D. Pedro* (b) vemos o appellido de *Alto* dado a D. Rui Pires, filho de D. Pedro Annes de Noboa, e tio de outro D. Pedro Annes de Noboa, Bispo de Orense, que talvez fosse allusaõ á altura do seu corpo. Allí mesmo se escreve, que D. Rui Pires Alto casara com D. Maria Duraens, filha de D. Duraõ Martins, da nobre geraçaõ dos de Riba de Vizella, e de sua mulher, D. Estevaninha Martins da Silva, filha de Martim Gomes da Silva, da dos Silvas; e se deste tomassem os actuais *Altes* o appellido, ou pelo menos dos *Altas* de Guipulcoa, Familia antiga e nobre, de que poderia proceder o Mestre Estevaõ, mais atraz que em tempo de ElRei D. Manoel se poderia contar a origem dos *Altes*. Dizei-me porêm o actual estado desta Familia.

Lam. ElRei Philippe II, quando o foi deste Reino, tomou a Bernaldim de Alte, filho de Christovaõ Esteves, por Fidalgo da sua Casa, como vereis no Rol dos Moradores della: (c) e que esta Familia deo filhos de grande merecimento nas armas, e nas letras consta das nossas Historias. Faria, relatando a victoria, que o grande Nuno Alvares Botelho confeguiu em Malaca dos Achens: victoria, que elle teve *por una de las mayores sino la mayor, que las armas Portuguezas lograron en Asia, porque de toda aquella machina* (falla da fortissima armada de Lançame)

Ee una

(a) Livr. Velh. fol. 8, e fol. 10, e 39.

(b) Nobil. Tit. 13, Pl. 98.

(c) Prov. da Hist. Genealog. tom. 6, pag. 660.

una embarcacion, una sola arma, un solo hombre no quedò libre de despojo, de esclavitud, o de muerte. Fallando, digo, Faria na dita victoria conta por hum dos nossos intrepidos Capitaens de Mar e Guerra Roque Pereira de Alta, que parece ser da Familia, de que tractamos. Ella tem presentemente

A CASA dos SOUSAS ALTES de Lisboa, possuida por Christovão de Sousa de Albuquerque e Alte, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Guarda Mór da Casa da India, e Commendador na Ordem de Christo, filho de Antonio de Sousa da Silva e Alte, Fidalgo da mesma Real Casa, e tambem Guarda Mór da Casa da India, Alcaide Mór de Porto de Mós, Commendador de S. Pedro de Torrados, e S. Vicente de Grandemil na Ordem de Christo, Senhor dos Quartos da Villa de Vianna de Alentejo, e de sua mulher, D. Isabel Antonia de Noronha, filha herdeira de Silvestre Corvinel da Gama, Cavalleiro da Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, de quem se lembra a Historia Genealogica da mesma Casa, (a) e de sua mulher, D. Filippa Sereno de Sequeira, filha de Manoel Alves Sereno, Fidalgo da Casa Real, e Fisco Mór do Reino: neto o dito Christovão de Sousa de Albuquerque e Alte pela parte paterna de Christovão de Sousa da Silva Alte, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Guarda Mór da Casa da India, e de sua mulher, D. Anna Maria de Barros, irmã do P. Martinho de Barros, da Congregação do Oratorio, e pessoa muito aceita

(a) Hist. Geneal. da Cas. Real, tom. 12, pag. 302.

ao Senhor Rei D. Joaõ V. He casado Christovaõ de Sousa de Albuquerque e Alte com D. Teresa Luiza da Cunha e Mello, filha herdeira de José Correa da Cunha e Mello, Fidalgo da Casa Real, e Senhor da Quinta de Chelias, e de sua mulher, D. Isabel Teresa Henriques, filha de Luiz Garcez Palha de Almeida, Fidalgo da mesma Real Casa, Mestre de Campo de Infantaria, que foi segundo marido de D. Luiza Maria Teixeira, filha de Simaõ da Costa Pelloa, Mestre de Campo de Infantaria, da qual teve a dita D. Isabel Teresa Henriques. Deduz esta Casa o appellido *Sousa* da Casa de Bayaõ.

D. Hug. Dizei alguma coisa sobre o appellido

39. ALTERO.

Lam. Diz Villasboas, que o escudo dos *Alteros* tem Est. 25
 o campo enxequetado de oiro e vermelho de quatro peças em Etc. 39.
faxa, tymbre meio Leaõ vermelho enxequetado de oiro. Coelho conforma-se com Villasboas, e Purificação adverte, que alguns trazem quatro peças, e principiaõ em vermelho, e outros trez, e principiaõ em oiro, e quer, que o tymbre seja *hum meio Leaõ rompente enxequetado de oiro e vermelho.* O dito Coelho affirma, que saõ os *Alteros* Fidalgos antigos, vistoque Aires Martins de Altero foi filho de Martim Godins, e bisneto de D. Fafes Lus, que veio para Portugal com o Conde D. Henrique, tronco dos nossos Reis, sendo seu Alferes Mor e Rico-Homem. Diz mais, que Vasco Martins de Altero foi Vassallo de ElRei D. Fernando, que lhe deo o Castello de Alemquer, como tambem se lê na Monarchia Lusitana de Fr. Manoel

dos Santos: (a) e não ha duvida, que Fernão Lopes na Chronica de ElRei D. Joaõ I em differente capitulo, que o citado por Coelho, (b) dá noticia da mençagem, que o dito Vasco Martins de *Altero* (cujo appellido altera em *Altro*) juntamente com Alvaro Fernandes do Rego levaraõ da parte dos da Villa de Alemquer a ElRei D. Joaõ I, quando era Mestre de Aviz; o qual Vasco Martins de *Altero* foi casado com huma irmã do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, chamada D. Mecia, como refere Alvaro Ferreira de Vera; (c) o que faz muito attendivel e predicamentada na antiguidade a Familia dos *Alteros*.

D. Hug. O nosso Villafam, (d) tractando de *los grandes hombres y Cavalleros, que murieron en la bueste de ElRey D. Alonso* (o onzeno, sobre Algeiras) nomêa por hum delles a Joaõ Aires de *Altero*, Portugez; o que prova bem o ardor, com que os *Alteros* se empregavaõ naquelle tempo na guerra contra os Mouros, sabindo para isso do seu proprio paiz, quando nelle não achavaõ occasiaõ opportuna.

Lam. Ja hum dos nossos Chronistas (e) se tinha lembrado desse acontecimento, e dos motivos, porque Joaõ Aires se achava entaõ em Castella, que foraõ o de ir requerer ao vosso Rei, como Procurador de D. Betaça, a restituiaõ da Villa de Pedraça, que o mesmo Rei lhe ti-

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 74.

(b) Chron. de D. Joaõ I, Part. 1. cap. 86, e naõ 85.

(c) Vera, Not. a Plan. 58 do Nobil. do. C. D. Pedro.

(d) Chron. de Alonf. XI, cap. 340, fol. 181.

(e) Brand. Mon. Lusit. tom. 6, pag. 322.

nha sequestrado, não obstante ser data de ElRei D. Fernando, seu Pai; postoque a procuração da dita D. Betaça nomêa *João Vaz de Altero*, bom, leal, *filho d'algo*, e Cavalleiro, e a Chronica diz *João Aires*, no que creio alguma equivocação. O certo he, como diz Brandaõ, ser João Aires de Altero hum dos Fidalgos principais deste Reino, filho de Aires Martins de Altero, Senhor de Alter, e da Coutada da Vidigueira, junto á Villa de Alemquer, que passou aos *Maldonados Aspeletas*, ou *Espeletas* pelo casamento de D. Filippa da Silva e Altero, descendente de João Aires, com D. Fernando Maldonado, Camareiro Mór do Infante D. Luiz. Era o dito João Aires de Altero, como mostra o mesmo Chronista, filho de primo de Martim Annes de Soverosa, Rico-Homem, casado com a dita D. Betaça, filha da Infanta de Grecia, D. Lascara, e pela razão do parentesco passaria com a procuração della a Espanha, onde morreo. No tempo de ElRei D. Affonso V, pelos annos de 1462, era Fidalgo da sua Casa Rui Vasques de Alter, como se lê nas Provas da Historia Genealogica; (a) no de ElRei D. Manoel foi seu Escudeiro Nicoláo de Alter, filho de João de Alter; (b) e no Reinado de ElRei D. Sebastião, quando governava a India D. Antonio de Noronha, passou deste Reino áquelle Estado por Capitão de huma nao Luiz de Alter, como adverte Manoel de Faria. (c) De sorte que a Familia dos *Alteiros* he muito antiga, e nobre; e tem sangue della muitas

(a) Prov. da Histor. Geneal. tom. 2, pag. 26.

(b) Prov. cit. tom. 2, pag. 370.

(c) Faria, Af. Port. tom. 2, pag. 577.

desta Provincia e do Reino, que procedem de Appollonia Pires, filha de Diogo Pires de Altero, casada com Joao Pires Vieira: o que vos direi, quando for tempo.

D. Hug. Vamos ao appellido

40. ALVARADO.

Est. 2,

Esc. 40.

Lam. Posto que dos *Alvarados* não tracte Villasboas na sua *Nobiliarchia*, não se esqueceo desta Familia o M. Purificação nos *Brazoens de Portugal*, dizendo, que tem por armas *sinco flores de Liz azuis em campo de oiro*, talvez lembrado, de que na nossa Casa Real serviraõ com moradia nella alguns *Alvarados*, como, por exemplo, Francisco de Alvarado, que foi Moço da Camara do Infante D. Duarte, filho do Sr. Rei D. Manoel: (a) e alem disso o sangue dos *Alvarados* se acha unido com o de varias Familias, e appellidos Portuguezes; porque, por exemplo, D. Pedro Caetano Fernandes del Campo, II Marquez de la Mejorada em Castella, Gentil Homem da Camara de ElRei D. Philippe V, e do seu Conselho de Estado, casando com D. Maria de Alvarado, Marqueza de la Breña, tiveraõ por filha a D. Marianna Sinfrosa Fernandes del Campo, que foi mulher de D. Christovão de Sousa, Senhor de Palmola e Estribeiro da Senhora Rainha de Espanha, D. Maria Barbara, varonia dos *Sousas*, que se estabeleceo em Cordova; e delles nasceo D. Antonia Faustina de Sousa, mulher de seu primo, D. Vasco Affonso de Sousa, Marquez de Guadalcazar, e Conde de Arenales.

Conf-

(a) Prov. da Hist. Genealog tom. 2, pag. 615.

Consta tambem, que Aires Vasques da Silva, Senhor de los Leales em Castella, e ramo da grande Casa de Silva, casou com D. Maria de Alvarado, irmã de D. Diogo de Alvarado, Senhor de Castellanos, Commendador de Lobon, Puebla, e Montijo, Mestre Sala do Rei de Espanha D. Henrique IV com a descendencia, que declara a Historia da Casa de Silva: de que se mostra estar a nossa Nobiliarchia interessada hoje no lustre dos *Alvarados*, de que o Sr. D. Hugo dará alguma noticia.

D. Hug. A Familia de *Alvarado* he muito illustre em Castella, tendo o solar de huma das suas Casas em Secadura, Lugar da Merindad de Trasmiera, bem decantada nas nossas Historias. De Garcia Lopes de Alvarado, a quem chamaraõ o Bom, Senhor desta Casa, foi filho D. Affonso de Alvarado, Capitaõ General do Reino do Perú, e hum dos seus Conquistadores; ao qual os nossos Reis deraõ o Titulo de Marechal daquelle Reino, e os Senhores das Villas de Vilamor, e Talamanca com muitas outras prerogativas, que elle mereceo pelos seus assignalados serviços, constantes das Historias da India. Elle principalmente salvou em Cusco o Marquez de las Charcas, e soube sacrificar muitas vezes os seus interesses, e particulares paixoens pelo bem da Patria, como até lereis na *Historia das Viagens* (a) do Abbade Prevost. A sua alliança com D. Anna de Velasco, filha de D. Martim Rodrigues de Avendaño, Senhor de Olasto, Villa Real, e muitas outras terras, lhe deo successoõ illustrissima nos Condes de Vilamor, que se alliaaraõ com muitas das nossas gran-

(a) Hist. Gener. des Voyag. tom. 19, pag. 129.

grandes Casas, e se conserva nos descendentes de D. Inigo da Cruz Manrique de Arellano Mendoza e Alvarado, de quem ja tractamos, quando dos *Aguilares*, (a) Conde de Aguilar e de Vilamor, Marquez de la Hinojosa. E bastava dar esta Familia hum filho, qual foi Pedro de Alvarado, companheiro de Fernão Cortez, e Adiantado de Guatimala, Honduras, e Cusco, para a fazer immortal; pois que foi elle, o que fez no mundo famoso o *Salto de Alvarado* e o *Rio Alvarado* na Provincia de Guaxaca; o que primeiro entrou na importante Cidade de Tlateluco; e o que mereceo, que D. Antonio de Solis o definisse *mancebo de valor, e espirito, obediencia pronta, e resoluta.* (b)

41. ALVARENGA.

Est. 2,
Esc. 41. D. Hug. Bem pouca necessidade havia de declarar aqui o escudo dos *Alvarengas*, que Villasboas diz ser hum *Campo de veiros, e tres faxas vermelhas sobre elle*, e por tymbre lhe dá hum *meio Leão rompente, vestido de veiros*; por que bastava dizer-se, que as armas dos *Alvarengas* são as mesmas dos *Vasconcellos*, de que me parece procedem: porque dos Nobiliarios consta, que Martim Mendes de Vasconcellos, filho de Mem Rodrigues de Vasconcellos, Alcaide Mor de Chaves, e de sua segunda mulher, D. Constança Affonso, casando com D. Ignez Martins, filha de Martim Pires Alvarenga, e herdando com ella o Castello deste nome, deo o appellido *Alvarenga* a seus successores.

Lam.

(a) Estrang. no Lima, tom. 1, Dialg. 6, pag. 377.

(b) Solis, Hist. de Mexic. pag. 385.

Lam. O nosso Coelho, Rei de Armas, censura a Villasboas o não declarar as cores do escudo, que diz ha de ser de prata e azul, e que o Leão deve ser inteiro de prata, vestido de veiros, e não partido, como o dá Villasboas. Nem se contenta, como elle, de deduzir os *Alvarengas* de Moço Viegas, filho de Egas Moniz, mas de Mo-ninho Viegas, o Gasco; e acrescenta, que Egas Moniz, Aio de ElRei D. Affonso Henriques, foi casado duas vezes, a segunda das quais foi com D. Teresa Affonso, filha do Conde D. Affonso das Asturias, da qual entre outros filhos teve a Affonso Viegas, a que chamaraõ Moço Viegas, o Gasco, que foi casado com D. Aldara, filha de Pedro Gomes Espinhel, cujo terceiro neto, Pedro Paes Curvo de Alvarenga, foi o primeiro, que teve este appellido (por ser Senhor de *Alvarenga*, Concelho da Comarca de Lamego, onde está a Torre dos *Alvarengas*, como escreve o P. Carvalho) (a) e que delle nascera Martim Pires de Alvarenga, o segundo que teve o mesmo appellido, e não o primeiro, como Villasboas entendera: de sorte que os *Alvarengas* procedem dos *Viegas* na opiniaõ do dito Rei de Armas; porêm confessa, que a varonia he de *Vasconcellos* pelo calamento, que a filha de Martim Pires de Alvarenga, chamada D. Ignez, celebrara com Martim Mendes de Vasconcellos, como ja lembrastes; e que porisso trazem por armas os *veiros*, tomados dos ditos *Vasconcellos*. Diz tambem, que Fernaõ Martins de Alvarenga firmara, como Rico Homem, huma doaçãõ de El-Rei D. Affonso III, e que ElRei D. Affonso IV legitimou

F f

a

(a) Carv. Corogr. Port. tom. 2, pag. 269.

a Fernão Lopes de Alvarenga, para que lograsse neste Reino as honras de *Filho-dalgo*. Differe Purificação nas cores apontadas por Coelho; pois diz, que o escudo dos *Alvarengas* deve ser *trez faxas compostas de veiros de prata e vermelho em campo negro*, e que o *tymbre* ha de ser o mesmo *Leão rompente, vestido de veiros*, assignado por Villasboas. Passa a declarar os ascendentes de Martim Pires de Alvarenga, Pai de D. Ignez, mulher de Martim Mendes de Vasconcellos, a que alguns chamaõ D. Aldonça, e diz, que Martim Pires era filho de Pedro Paes Curvo de Alvarenga, neto de Paio Viegas de Alvarenga, bisneto de D. Egas Affonso, terceiro neto de Affonso Viegas, chamado D. Moço Viegas, filho de D. Egas Moniz, e de sua segunda mulher, D. Teresa Affonso, como está dito; e acrescenta emfim, que ElRei D. Fernando dera no anno de 1381 a Joaõ Mendes de Vasconcellos a terra de Alvarenga de juro e herdade, e tambem a de Parada em Riba de Paiva, e que no seu tempo era Senhor da Quinta e Solar de Alvarenga Joaõ Corrêa Montenegro, pela levar em dote sua mulher, que era filha de Miguel de Vasconcellos, e de D. Margarida de Miranda; e em louvor dos Alvarengas cita as seguintes Coplas;

Dos de Riba de Vizella

De Alvarenga Pero Paes

Deixou esta parentella,

Que illustre não houve mais,

Nem outra mais nobre que ella.

D. Hug.

D. Hug. Já Rodrigo Mendes no *Catalogo Real* (a) tinha dito, que os *Alvarengas*, *Coelbos*, *Ataides*, *Soverosas*, *Almeidas*, e *Resendes* procediaõ todos de Egas Moniz, e do Rei de Leaõ, D. Ramiro, pela linha de Alboazar Ramires, seu filho; e eu entendo, que para o sangue dos *Alvarengas* se julgar illustrissimo, basta, que nos lembremos do casamento, que D. Nuno Mendes da Silva celebrou com D. Sancha Paes de Alvarenga, referido pelo Conde D. Pedro; (b) pois que delle procedeo D. Teresa Nunes, mulher de D. Nuno Martins de Chacim, Rico Homem de Portugal, Senhor de Bragança, e Aio de ElRei D. Diniz, cujos descendentes levaraõ o sangue dos *Alvarengas*, e o dos *Silvas* a todos, quantos Principes ha na Europa, como mostra o nosso Salazar e Castro, assignando as Casas, e nomeando as Pessoas. (c)

Lam. Tambem esmalta muito a Familia dos *Alvarengas* D. Mecia de Alvarenga, Abbadessa de Odivellas, cujas virtudes declara o *Agiologio Lusitano*; (d) pois que esta Senhora, como lemos no *Jardim de Portugal*, (e) foi grande amiga e antiga companheira da nossa Princeza, S. Joanna, filha de ElRei D. Affonso V, e irmã de ElRei D. Joaõ o II, a qual D. Mecia era filha de Lopo Garcia de Alvarenga, Fidalgo da Casa do dito Rei D. Affonso V, pelos annos de 1476, e vivia na sua Quinta

F f 2

(a) Catalog. R. N. 50.

(b) Nobil. do C. D. Pedr. Tit. 36.

(c) Salaz. Caz. de Silv. tom. 1, liv. 2, cap. 12, pag. 105.

(d) Agiolog. Lusit. tom. 2, pag. 236. ao dia 19 de Março.

(e) Jard. de Port. N. 117, pag. 303.

e Castello de Brunais junto a Ferreirim, como adverte o mesmo *Agiologio*. Na *Monarchia Lusitana* (a) se faz menção de Alvaro Martins de Alvarenga, que em tempo de ElRei D. Joaõ I foi Procurador de Cortes pelas Villas de Jeromenha, Estremôz, e Villaviçoza, e nos livros das Moradias de ElRei D. Manoel he lembrado, como Fidalgo da sua Casa, Diogo Alvarenga. (b) Como porêm o fangue dos *Alvarengas* passou aos *Vasconcellos*, nomearemos as suas Casas, quando tractarmos destes.

42. ALVELOS.

Est. 2, D. Hug. Villasboas dá aos *Alvelos* por armas em campo
Etc. 42. po vermelho cinco estrellas de oiro, de sete pontas cada huma em aspa, e por tymbre hum meio pescoco de Leaõ vermelho, com huma estrella das armas, e diz, que procedem de Joaõ Martins Salsa, filho de Martim Moniz, o illustre Capitaõ, que morreo na entrada de Lisboa, quando se conquistou, o qual era neto do Conde D. Osorio de Cabreira, que passou a Portugal em tempo do Conde D. Henrique; e isto he conforme com as melhores noticias, que temos, e se podem ver nas *Relaçoes Genealogicas* de Alarcaõ, (c) e na *Monarchia Lusitana*, (d) pelas quais nos consta, que Joaõ Martins Salsa era irmaõ de Pedro Martins da Torre, tronco dos *Vasconcellos*, e filhos ambos de Martim

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 616.

(b) Prov. da Hist. Genealog. tom. 2, pag. 616.

(c) Alarcaõ, Relac. Genealog. pag. 65, 66, 67.

(d) Mon. Lusit. tom. 3, pag. 173.

tim Moniz ja nomeado, que era filho de Moniño Osores, e neto do Conde D. Oforio, Senhor da Ribeira, e Cabreira. O Conde D. Pedro (a) tracta de muitos *Alvelos*, e mostra os honrados casamentos dos Fidalgos deste appellido, a saber, Rodrigo Alvelos com D. Mafalda Alonso, bisneta do Conde D. Mendo, o Sousaõ, da grande Casa dos *Soufas*; Martim Annes de Alvelos, Pai do Bispo da Guarda, D. Vasco Martins de Alvelos, que o foi pelos annos de 1302, com D. Elvira Mendes, filha de Mem Gonçalves da Fonseca, tronco dos *Fonsecas*; Gonçalo Mendes de Alvelos com D. Mecia Gil, filha de Gil Fagundes, tronco dos deste appellido, e neta pela parte da Mãi de Vasco Martins Serraõ, Chefe dos *Mouras*; Pedro de Alvelos com D. Maria Annes Peixoto, filha de Joaõ Vasques Peixoto; e Martim Reymondo de Alvelos com huma neta de Estevaõ Pires de Cambra: o que mostra alliaem-se os *Alvelos* com as primeiras Familias de Portugal. Diga o Sr. Lami agora, o que ha sobre solar, filhos, e Casas da mesma Familia dos *Alvelos*.

Lam. O Autor da *Corographia Portugueza* (b) escreve, que o Solar dos *Alvelos* foi em S. Lourenço de *Alvelos*, Freguezia do termo de Barcelios, e que a sua varonia vem dos Reis de Leaõ. O Poeta, que fez as Coplas, entendendo procederem os *Alvelos* de Pedro Martins da Torre, disse:

*De Baguim Martim Soares
A Martim Martins gerou,*

Al-

(a) Nobil. do C. D. Pedro, Pl. 307.

(b) Corogr. Portug. tom. 1, pag. 320.

*Alvelos que se chamou,
Esforçado como Pares,
Donde o Alvelos ficou.*

Das nossas Chronicas consta, que ElRei D. Joaõ I deo a Fernando Alveres Alvelos, Escudeiro armado por Lopo Dias de Azevedo, o Julgado de Riaens no Almoxarifado de Chaves pelos seus serviços; (a) e do Catalogo dos Fidalgos da Casa de ElRei D. Joaõ III consta ser hum delles Joaõ Rodrigues de Alvelos. (b) Nas Historias da Asia estaõ declaradas muitas acçoens valerosas, que os filhos desta Familia obraraõ no serviço da Coroa. Gonçalo Pires de Alvelos no Vice Reinado de D. Constantino de Bragança servio na guerra do Malabar, como attesta Faria. (c) Sebastiaõ Gonçalves de Alvelos em tempo do Vice Rei D. Antonio de Noronha foi hum dos Capitães, que defenderaõ Bracalor, (d) e no anno de 1595 commandou huma das naos, com que Aires de Miranda Henriques passou deste Reino ao Estado da India. (e) Sendo porêm muito antigo e muito illustre o appellido de *Alvelos*, samente sei, que o use de presente

A CASA dos LEMOS COELHOS de Viseo, que o deduz de D. Briolanja de Alvelos, mulher de Henrique de
Le-

(a) Monarch. Lusit. tom. 8, pag. 595.

(b) Prov. da Hist. Gen. tom. 2, pag. 818.

(c) Faria, Asia Port. tom. 2, pag. 339.

(d) Id. tom. 2, pag. 565.

(e) Id. tom. 3, pag. 78.

Lemos de Campos, 3º. avô de Bernardo de Alvelos Coelho de Lemos e Mello, filho de Francisco de Mello Coelho, e de sua mulher, D. Micaella Albertina de Castro e Gusmaõ, filha de Antonio Coelho de Campos, e de sua mulher, D. Cecilia de Tavora e Castro, filha de Pedro de Abreu de Vasconcellos: neto o dito Bernardo de Alvelos Coelho de Lemos e Mello pela parte paterna de Henrique de Mello Lemos e Alvelos, e de sua mulher, D. Francisca de Campos Coelho, filha de Francisco de Campos Coelho, Senhor da Quinta da Negrosa junto a S. Pedro do Sul, e Capitão Mor de Viseo, dos quais se lembra a *Bibliotheca Lusitana*, (a) por ser D. Francisca de Campos matrona sabia.

D. Hug. Tenho ouvido fallar nos *Alvelos* de Amarante.....

Lam. Os Senhores da *Casa* de *Alvelos* junto á Villa de Amarante são *Magalbaens*, e delles tractaremos a seu tempo.

D. Hug. Vamos ao appellido

43. ALVIM.

Lam. Aos *Alvins* dá Villasboas *hum escudo esquartela-* Esc. 2,
do; nos dois enxadrez vermelho, e amarello, e nos contra- Etc. 43.
rios cinco flores de Liz de oiro em campo azul. Coelho nota, que elle não assigne tymbre a estas armas, nem as explique conforme a Arte do Brazaõ, pois chama *amarello* ao que deve chamar *oiro*, e não declara as peças, que de-

(a) Biblioth. Lusit. tom. 2, pag. 616.

devem ser quatro em taxa, e por *tymbre* lhe dá *hum meio Leão com huma flor de Liz das armas na espada*. Purificação discorda nas cores do Xadrez, querendo, que o primeiro quartel seja enxaquetado de prata, e vermelho, e o segundo as cinco flores de Liz de oiro em campo azul, e assim os contrarios. No Livro Velho das Linhagens se dá o appellido de *Alvim* a Pedro Soares, irmão de Mem Soares de Mello, de que se prova serem os *Alvins* descendentes de D. Pedro Framaris: porque Pedro Soares de Alvim, o de Pouzada, era filho segundo de Soeiro Reimondo, neto de Reimaõ Paes de Riba de Vizella, bisneto de Paio Pires de Guimaraens, e terceiro neto do referido D. Pedro Framaris, como declara o *Nobiliario do Conde D. Pedro*, e outros Autores. (a) Vedes por isto, que os *Mellos*, e *Alvins* tiveraõ a mesma origem.

D. Hug. Posto que o D. Soeiro Raimundo, que nomeastes, foi filho illegitimo de D. Reimaõ Paes de Riba de Vizella; comtudo seu irmão, D. Guilhen, ou Giral Reimondo, por morrer sem filhos, o perfilhou, como diz o Conde, e casou illustremente na Familia dos *Gedeons* com D. Urraca Viegas, filha de D. Egas Gomes Barrolo, aquelle que se achou na conquista de Sevilha; que he, o que basta para ser reputada muito antiga, e muito nobre a Familia dos *Alvins*.

Lam. O nosso Lobo no seu *Condestavel* diriva esta Familia dos Reis de *Alba Longa*, creio que fundado na semelhança dos nomes. Mais natural seria o dirivála dos mui-

(a) Nobil. do C. D. P. Tit. 45, pag. 276. Vid. do Condestavel D. Nun, liv. 6, pag. 731.